



Centro Universitário de Brasília

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**AS IMPLICAÇÕES DA SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS E**  
**ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL**

**ALESSANDRA MARIA DE OLIVEIRA FARIAS**

**BRASÍLIA**

**NOVEMBRO/ 2005**

**ALESSANDRA MARIA DE OLIVEIRA FARIAS**

**AS IMPLICAÇÕES DA SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAE  
ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL  
UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada  
como requisito ao Centro  
Universitário de Brasília –  
UniCEUB, a título de  
conclusão do curso de  
Psicologia. Professor  
Orientador: Dr. Fernando  
Luís González Rey

BRASÍLIA-DF, NOVEMBRO DE 2005

### **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho às pessoas que o tornaram possível. Em especial, às crianças com quem muito pude aprender, e àqueles que passaram por situações tristes e difíceis e não tiveram a oportunidade de acolhimento e reconstrução

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, divina força que alimenta e me guia nos momentos de grande dificuldade e de felicidade.

Agradeço a meus pais que iluminaram meu caminho com a luz mais importante: o estudo. Em especial, à minha mãe, pelo amor incondicional que incentivou e lutou pela realização do meu sonho, e pelas incansáveis revisões de textos madrugadas adentro.

Aos meus filhos, que conseguiram superar de forma especial momentos de sacrifícios: o amor e a alegria da vitória.

Às queridas irmãs, valiosas companheiras de jornadas muitas vezes “irmãs” e que contribuíram para meu crescimento.

Aos familiares, em especial a minha mãedrinha e tia, que sempre me apoiou nos momentos decisivos de minha formação e, aos meus avós, pelo carinho e compreensão quando não pude compartilhar de sua companhia para me dedicar à concretização deste sonho.

À professora Morgana Queiroz pela sua amizade, carinho e doçura e pela oportunidade, que fez da clínica um caminho possível para a minha pesquisa na qual onde pude colocar em prática meu sonho de atender crianças.

À professora Izane Menezes, que primeiro fomentou em mim a vocação ao trabalho infantil, pela sua criatividade, organização, determinação e disciplina que tive a oportunidade de aprender.

De maneira carinhosa, a todos os mestres Hiram Casal, Rogério Lopes, Maurício Neubern, Elizabete Tunes, Cristina Loyola e Gilberto Godoy, Marçal com quem aprendi inúmeras lições.

Em especial ao mestre Fernando Rey, pelo seu exemplo como teórico e pesquisador e, acima de tudo, como “ser humano”. Pela sua calorosa amizade e por sempre acreditar em meu potencial pessoal e profissional.

Obrigada ao companheiro e aos amigos de caminhada, que contribuíram para o meu aprimoramento. Obrigada a todos.

## RESUMO

O presente trabalho propõe-se a abordar as implicações da subjetividade de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Para tanto, utilizou-se de um estudo de caso, a respeito de um pré-adolescente abusado sexualmente por um pastor de igreja evangélica. Para alcançar os objetivos estabelecidos neste trabalho, dividiu-se a pesquisa em três capítulos. O primeiro buscou compreender como o assunto vem sendo pela Psicologia, as propostas a serem debatidas e acatadas e as dificuldades em se estudar o tema. Também compreender o sujeito vítima de abuso no contexto familiar e extrafamiliar, sujeito a modificações que lhe são impostas em decorrência dessas vicissitudes. O segundo capítulo refere-se à fundamentação teórica utilizada neste estudo, por meio de pesquisa qualitativa, que leva em consideração a subjetividade do ser individual e único a qual propicia ao pesquisador questionar a respeito das vertentes que separam o sujeito do objeto, o individual e o social. A proposta é dialogar com os profissionais do ramo e com a sociedade sobre os resultados encontrados na pesquisa. O terceiro capítulo apresentou o corpo da pesquisa, com o estudo dos aspectos subjetivos presentes no abuso sexual de um adolescente, configurando-se também como ponto importante a ser estudado no curso da pesquisa. A relevância deste estudo reside no pressuposto de o abuso sexual para a vida do indivíduo tem grandes conseqüências e repercussões no meio familiar e pessoal. Assim, é preciso compreender a subjetividade que permeia esse processo pelo qual passa o sujeito para possibilitar sua interação com a família e com meio social.

**Palavras-chave:** subjetividade, pesquisa qualitativa, crianças e adolescentes, abuso sexual.

## Sumário

INTRODUÇÃO Sumário .....	8
I - CAPÍTULO TEÓRICO.....	10
BREVES COMENTÁRIOS SOBRE ABUSO SEXUAL .....	10
1.1 Perspectivas na Psicologia sobre o Abuso Sexual .....	11
1.2 Conceito de abuso sexual.....	10
1.3 O abuso como relação.....	13
1.4 O corpo no abuso sexual.....	15
1.5 A Sexualidade e a Violência Sexual .....	15
1.6 Infância e Adolescência .....	17
1.7 A família .....	18
1.8 As Leis e o Abuso Sexual .....	19
II – CAPÍTULO METODOLÓGICO.....	22
DELIMITAÇÃO DO TEMA E JUSTIFICATIVA .....	22
2.1 Formulação do problema .....	23
2.2 Problema e Objetivos da Pesquisa .....	23
2.4 Objetivos.....	24
2.4.1 Objetivo Institucional .....	24
2.4.2 Objetivos Investigatórios.....	24
2.4.2.1 Geral.....	24
2.4.2.2 Específicos .....	24
III CAPÍTULO EMPÍRICO.....	26
PESQUISA QUALITATIVA NA SUBJETIVIDADE SOCIAL/ INDIVIDUAL .....	26
3.1 Comunicação e Pesquisa Qualitativa.....	27
3.2 Lógica Configuracional .....	28
3.3 A Legitimidade no Curso da Pesquisa .....	29
3.4 Caracterização Básica .....	30
3.5 Participante .....	30
3.6 Recursos.....	30
3.7 O Desenho como Instrumento de Pesquisa.....	31
3.8 Apresentação do Estudo de Caso.....	33
3.8.1 Configuração Familiar.....	33
3.9 Discussão dos Resultados / Unidades de Análise .....	34
3.9.1 Primeiro Instrumento.....	34
3.9.2. Segundo Instrumento.....	37
3.9.3 Terceiro Instrumento .....	40
3.10 Núcleos Temáticos.....	54
3.11 Configuração do Cenário Subjetivo Relacionado do Sujeito Pesquisado.....	56
3.11.1 Configuração da Subjetividade Relacionada à Figura Feminina.....	56
3.11.2 Configuração da Subjetividade Relacionada à Figura Masculina .....	57
3.11.3 Configuração da Subjetividade Relacionada à Família .....	58
3.11.4 Configuração da Subjetividade Relacionada ao Abuso Sexual .....	60
3.11.5 Configuração da Subjetividade Relacionada à Sexualidade.....	61
3.11.6 Configuração da Subjetividade Relacionada a Perspectivas Futuras .....	62
CONCLUSÃO .....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	69
ANEXOS .....	72



## INTRODUÇÃO

A construção de indicadores sociais da violência intrafamiliar e sexual contra crianças e adolescentes é um processo que está ganhando visibilidade no conjunto da sociedade, assim como nos trabalhos científicos e técnicos.

As questões do abuso sexual intrafamiliar e da exploração sexual de crianças e adolescentes são objeto da mídia, com reportagens, entrevista, entretanto, não ocupam ainda espaço televisivo, necessário para chamar a atenção da sociedade para os vitimizados e os abusadores.

Neste estudo, buscou-se compreender a subjetividade que permeia o cenário do abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como investigar a dinâmica do processo que revitimizam essas vítimas dentro da questão do abuso sexual. Nesse sentido, abordou-se para os propósitos dessa pesquisa um estudo de caso de um adolescente, vítima de abuso extrafamiliar. Ressalta-se também como em muitas situações a situação abusiva inicia-se com uma negligência e culminando em um cenário de abuso sexual, favorecido muitas vezes pela família da criança, e potencializado por questões sociais e culturais.

O primeiro capítulo busca-se compreender como o assunto vem sendo abordado na Psicologia: as propostas e dificuldades em se estudar o tema. Também visa a compreender o homem, seu contexto familiar e social, sujeito a modificações que lhe são impostas. O primeiro aspecto a destacar é a importância que tem para a Psicologia hoje o debruçar-se sobre as noções de sujeito e subjetividade. O aspecto ideológico contemporâneo traz em seu bojo, entre outras concepções, uma visão de homem que anula a noção de sujeito. Na perspectiva histórica, afirma o homem como sujeito significa reconhecer a sua possibilidade de superar o imediato, o que está dado, em direção à realização de projetos assumidos. E reconhecer que se trata de uma possibilidade constituída historicamente. Para isso, é necessário afirmar a subjetividade como a experiência própria do sujeito histórico.

O segundo capítulo refere-se à fundamentação teórica utilizada neste estudo, assim por meio de pesquisa qualitativa considerando a subjetividade de ser individual e único, o qual propicia ao pesquisador questionar-se a respeito das dicotomias entre sujeito e objeto, individual e social, e dialogar com os resultados encontrados na pesquisa. O objeto da pesquisa qualitativa é

um sujeito interativo, motivado e intencional, em que o pesquisador deve utilizar-se do diálogo (processo de comunicação) para o desenvolvimento da pesquisa.

A construção a partir da informação no momento empírico é um processo complexo e irregular que passa por diferentes momentos antes que a informação adquira sua importância científica. Ela não apenas parte de dados empíricos, mas de conceitos, idéias e construções integradas indissolavelmente nessa produção de informação.

No terceiro capítulo apresentou-se o corpo da pesquisa, com o estudo dos aspectos subjetivos presentes no abuso sexual do adolescente e configura-se também como ponto importante a ser estudado no curso da pesquisa. A relevância deste estudo reside no pressuposto de que o abuso sexual traz, para a vida do indivíduo, grandes conseqüências no meio familiar e pessoal, e a conhecer sua história de vida, falar sobre os seus sentimentos e aprender a conhecer as situações de abuso na tentativa de promover um repertório de autoproteção. E assim é preciso compreender a complexidade da subjetividade inserida nesse processo pelo qual passa o sujeito na interação com a família e com meio social.

## I - CAPÍTULO TEÓRICO

### BREVES COMENTÁRIOS SOBRE ABUSO SEXUAL

Abuso é um termo usado para definir uma forma de maus tratos a crianças e adolescentes, com violências física e psicológico associadas, geralmente repetitivas e intencionais e, por isso, praticadas, mais freqüentemente, conhecidos, familiares ou responsáveis pelos jovens (Chistoffel e cols., 1992; Ama, 1992). Abuso sexual, então, pode ser definido como o envolvimento de crianças e adolescentes, logo em processo de desenvolvimento, em atividades sexuais que não compreendem em sua totalidade, para quais não estão aptos a concordarem e que viola as regras sociais e familiares de nossa cultura (Glaser, 1991).

Essa caracterização (Glaser, idem) inclui fundamentalmente três grupos de circunstâncias:

- a) história de agressão sexual com violência física na qual o(a) jovem é a vítima e/ou
- b) contato sexual (como toques, relações sexuais, exibicionismo, voyeurismo, etc.) entre uma criança e outra pessoa de qualquer idade em que a participação tenha sido obtida por meios desonestos, como ameaças, coerção moral, mentiras, deturpações de padres morais e táticas similares e/ou;
- c) contato sexual entre criança ou adolescente e adulto, mesmo com a cooperação voluntária, em situações definidas por lei ou costumes como crime, devido à presunção de imaturidade do(a) jovem e de responsabilidade do adulto (Simrel e cols. 1979).

Entretanto, não basta identificar os elementos que constituem um conceito de abuso sexual; é indispensável definir a orientação teórica adotada no estudo de qualquer fenômeno. Ao conceituar-se o fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes deve-se ter claro que teorias da violência, da sexualidade, da infância, da adolescência, dos direitos, da exploração, do trabalho, do contrato, do mercado do sexo são adotadas.

O estudo do fenômeno da violência sexual deve orientar-se por uma concepção dialética. Filósofos dialéticos defendem a idéia de que ” para evitar-se a esclerose do espírito deve-se admitir um vaivém entre conceitos e percepções ou experiências, de maneira que se produza um enriquecimento mútuo. Bachelard *apud* Durozoi e Roussel, 1996, demonstrou que um conceito

científico modifica-se em consequência do avanço das teorias”. Neste sentido, deve-se compreender esse fenômeno em seu movimento, ou seja, cada um dos elementos constitutivos de seu conceito deve ser estudado em sua evolução histórica. Entende-se também que a violência sexual é de ordem econômica e cultural e que os elementos constitutivos (idéias matrizes) de seu conceito se articulam entre si.

Neste trabalho, a fundamentação teórica baseia-se na teoria de Gonzalez Rey (2003), onde o tema subjetividade representa uma definição ontológica diferente dos processos psíquicos, que consideram subjetividade como sistemas de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade, e não se esgota no indivíduo, mas está em constante desenvolvimento dialético com os com processos sociais. (González, idem)

Este tema é adotado a partir de uma perspectiva dialética e complexa, em que a subjetividade não aparece como uma entidade, mas se expressa como um sistema complexo em constante avanço, e que por sua vez é constituída por meio de sua constante produção de sentidos e significados dentro dos diferentes sistemas da subjetividade social em que desenvolve suas ações. (González, idem).

Com base no marco teórico explicitado, indicam-se, a seguir, alguns parâmetros orientadores para a conceituação do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes.

### **1.1 Perspectivas na Psicologia sobre o Abuso Sexual**

Na literatura e no enfrentamento do abuso sexual a autoria do abuso é considerada fundamental, principalmente na definição da gravidade e das consequências desse ato. Considera-se que o mais importante não é o nível de conhecimento entre abusador e abusado, e sim o nível de autoridade e da responsabilidade do autor do abuso em relação à vítima.

Uma outra questão ainda não suficientemente clara e definida é a diferença de idade entre abusado e abusador para que uma relação possa ser considerada abusiva. Precisa ser repensada a relação de abuso e dominação entre adolescente X criança e criança X criança. Pode-se analisar no mesmo nível e gravidade o abuso sexual ocorrido entre adulto/menor de idade e menor de idade/menor de idade?

## **1.2 Conceito de Abuso Sexual**

Não há verdade absoluta sobre o conceito de abuso sexual. Pensou-se tentar “harmonizar” os conceitos de abuso sexual existentes; não deu certo. Historicamente há uma preocupação estratégica e operacional com o conceito de abuso sexual com vistas à sua utilização nas políticas públicas. Internacionalmente, estrategicamente, são utilizados os conceitos de abuso e de exploração sexual.

O tema da violência sexual, por sua complexidade e diversidade, oferece a dificuldade de generalização, o que orienta sua pesquisa no sentido de estudar suas particularidades, sem perder de vista a compreensão global do fenômeno. O que explica, de certa forma, a proliferação desses conceitos (e uma aparente confusão) sobre o tema, que revela buscas e pode ser muito saudável. Há que se pesquisar, por exemplo, as diferenças conceituais de violência/abuso sexual; violência doméstica / violência intrafamiliar; exploração/prostituição; pedofilia/homossexualismo.

Neste sentido, o abuso sexual tem de ser considerado mais social (construído) do que psicológico, e ser trabalhado no contexto da violência social. Conceitualmente a violência tem de ser pesquisada como uma forma de relação e de resolução de conflitos (psicológicos, familiares, culturais, sociais).

Neste trabalho, a fundamentação teórica baseia-se na teoria de Gonzalez Rey, onde o tema subjetividade representa uma definição ontológica diferente dos processos psíquicos, que consideram subjetividade como sistemas de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade, e não se esgota no indivíduo, mas está em constante desenvolvimento dialético com os com processos sociais. (González, 2003)

Este tema é adotado a partir de uma perspectiva dialética e complexa, em que a subjetividade não aparece como uma entidade, mas se expressa como um sistema complexo em constante avanço, e que por sua vez é constituída por meio de sua constante produção de sentidos e significados dentro dos diferentes sistemas da subjetividade social em que desenvolve suas ações. (González, idem).

Com base no marco teórico explicitado, indicam-se, a seguir, alguns parâmetros orientadores para a conceituação do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes.

### 1.3 O abuso como relação

O abuso sexual tem de ser estudado enquanto relação, o que pode contribuir a evitar uma série de distorções ou lacunas que ocorrem na compreensão e enfrentamento desta questão.

A visão substancialista privilegia uma concepção de que os seres existem “per se” como uma substância independente, enquanto que a visão relacional compreende o ser humano em processo, constituído pelas suas relações sociais complexas, envolvendo várias dimensões que se articulam contraditoriamente, como a dimensão interpessoal (desejo, fantasia), as relações de trabalho e as familiares, como acentua Faleiros (1997).

Neste sentido, pensar o relacional é compreender que o psicológico é social e cultural” e que o pessoal é político. Segundo Dorais (1997), “abuso tem a ver com o contexto da relação”. O abuso sexual tem, portanto, uma base psicológica mais do que econômica. Trata-se de relações interpessoais, não materiais. Entende-se que o interpessoal não significa necessariamente intersubjetividade.

Posições discutidas:

a) no sentido marxista de mercadoria não há troca no abuso sexual; na exploração sexual há uma troca de mercadoria, com valor de uso e de troca.

b) há uma troca no abuso sexual do adulto sobre a criança; trocas neuróticas e psicóticas, chantagens, privilégios, brinquedos, outros;

c) não há troca, é uma “relação” unilateral, é uma “não-relação”.

d) a relação de abuso implica conflitos nas relações.(Dorais idem),

Na relação de abuso sexual de crianças e adolescentes por adultos as representações sociais são “distorcidas”, pois nela os papéis sociais do adulto (protetor, socializador, formador de identidade e de auto-estima, fonte de afeto).

É indispensável aprofundar estudos sobre as relações interpessoais, sentimentos e desejos presentes, distorções e os limites do que é prejudicial aos abusados. Com a preocupação de que o olhar do pesquisador não seja moralista, mas a partir de uma perspectiva de direitos.

Uma outra importante questão a ser clarificada na definição de abuso sexual é sobre quais são os limites a serem extrapolados para que uma relação possa ser considerada abusiva. Por mais que uma sociedade passe por um processo de liberalização sexual cada vez maior há limites que

têm que ser definidos e que quando ultrapassados se constituem em crimes. Neste sentido é importantíssimo que a sociedade deixe claro o que é tolerado e o que não é tolerado, para que a criança e o adolescente sejam protegidos de uma "ausência de limites" sociais. O que é o compromisso ético e social de cada um dos adultos de uma sociedade.

Pergunta-se se a culpa e o sofrimento significam uma não-legitimação do abuso. Ser legitimado é ser silenciado, tolerado? Há uma legitimidade que não tem sofrimento e não tem culpa. A sanção vem de fora.

Legitimado é ser consensualmente aceito pela sociedade num todo ou pela maioria. A legitimidade não é algo estático e nem único. A legitimação é um processo.

A vida privada é um âmbito consensual externo ao Estado, não é objeto da interferência pública. A questão do abuso sexual quando se tornou pública vem perdendo a legitimidade social, mas a interferência no privado (família) não é ainda legitimada porque no Brasil a cidadania da criança e do adolescente é precária.

A questão da legitimidade é importante porque o enfrentamento da problemática do abuso sexual passa por aí. O consentimento está relacionado com o "forçado". Tem que ser pensado na relação e não na decisão/opção da criança ou do adolescente. Nem todas as vítimas de abuso sexual percebem a situação pela qual passam como abusiva; será que estas em seu desenvolvimento sofrem os mesmos danos que as vítimas que se sabem abusadas?

O consentimento não é o definidor do abuso sexual, mas a natureza da relação abusiva. Como o abusador possui muito poder o consentimento não pode ser pensado apenas sob o ângulo da criança, pois existe um processo de dominação.

Há diferentes níveis de consentimento: o da criança, o do adolescente, ou seja, até que ponto as vítimas consentem ou são influenciadas e/ou forçadas a "consentir"?

Percebeu-se que a questão da sedução e sua relação com o consentimento necessita ser aprofundada. O abuso sexual sendo premeditado, "planejado", onde entraria a "sedução"? Ou seja, ele faz parte de um plano ou é um jogo, a expressão do desejo do adulto? A criança é seduzida pelo objeto e não pelo "outro". E o adulto é seduzido pelo alívio de uma tensão que ele tem que resolver, e não pelo outro, no caso, o abusado. Se a criança e/ou adolescente seduzidos aprendem a se relacionar dessa forma erotizada pode-se considerar esta relação como forçada?

Na literatura e no enfrentamento do abuso sexual a autoria do abuso é considerada fundamental, principalmente na definição da gravidade e conseqüências do mesmo.

Considera-se que o mais importante não é o nível de conhecimento entre abusador e abusado, e sim o nível de autoridade e da responsabilidade do autor do abuso em relação à vítima.

Uma outra questão ainda não suficientemente clara e definida é a diferença de idade entre abusado e abusador para que uma relação possa ser considerada abusiva. Precisa ser repensada a relação de abuso e dominação entre adolescente X criança e criança X criança. Pode-se analisar no mesmo nível e gravidade o abuso sexual ocorrido entre adulto/menor de idade e menor de idade/menor de idade?

#### **1.4 O corpo no abuso sexual**

No abuso sexual há uma transformação do corpo do abusado em objeto. A questão do corpo é mal estudada no abuso sexual. Segundo Noel (1998), pesquisadora quebequense do processo de dominação, o primeiro mecanismo de dominação é a dominação do corpo. O corpo da criança/adolescente é transformado no corpo para outro e não para si. Certas vítimas de abuso e prostitutas se referem a um “descolamento” do seu corpo durante atos sexuais. O abuso sexual inverte/anula a identidade da pessoa da vítima, anula seu corpo.

#### **1.5 A Sexualidade e a Violência Sexual**

O exercício da sexualidade humana, por sua complexidade, que implica aspectos biológicos, emocionais, sociais, econômicos, históricos, culturais e legais, oferece imensos desafios teórico-práticos aos que lidam com temas a ela relacionados, como o da violência sexual.

A sexualidade e seu exercício têm de ser considerados histórica e culturalmente, ou seja, o aprendizado da sexualidade ocorre em sociedades concretas, em lugares e épocas que o distinguem. Neste sentido tem sido da maior importância a contribuição de estudos antropológicos e históricos, por exemplo, em relação ao incesto.

Segundo Andrade (1999), “a própria natureza da sexualidade não traz em si mesma as formas pelas quais ela pode ser vivida; a sexualidade tem infinitas formas de se manifestar e se

expressa em inúmeras relações psicológicas e sociais e não somente naquelas que incluem genitalidade, ou seja, em atos sexuais.

De acordo com Kahhale (2001) verifica-se, historicamente, que o desenvolvimento da sexualidade foi entendido, por muito tempo, como um imperativo biológico centrado nos genitais, a partir de uma visão do ser humano como um animal (racional) produto de uma junção de células. No entanto, ele é constituído no indivíduo não só como uma questão genética, mas principalmente como uma expressão das condições sociais, culturais históricas nas quais ele está inserido.

*A sexualidade é um processo simbólico e histórico, que expressa a constituição da identidade do sujeito, como ele vive a questão da intimidade; da significação das normas, da moral e da ética grupal. Portanto, a expressão sexual é multideterminado, dinâmica e histórica, tanto individual como coletivamente. (Kahhale,2001)”*

Atualmente, o entendimento que se tem é de que desconsiderar ou fragmentar os aspectos biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais e transcendentais que compõem a vida e a sexualidade humanas impede a compreensão da pessoa enquanto um ser múltiplo, complexo e integrado. Neste sentido as fases do desenvolvimento humano e da sua sexualidade devem ser compreendidas como a inter-relação entre esses múltiplos aspectos e a singularidade e particularidades de cada indivíduo no contexto no qual este está inserido”(Kahhale, idem).

Nos dias atuais a sexualidade tem que ser, obrigatoriamente, pensada no contexto das profundas transformações, tanto econômicas como sócio-culturais, pelas quais passam as sociedades contemporâneas e principalmente às que dizem respeito ao exercício da sexualidade e ao mercado do sexo.

Um outro importante aspecto da sexualidade a ser considerado no estudo da violência sexual são as relações entre sexo e gênero, o que vem sendo estudado por pesquisadores da área, entre outros por Saffioti (1995).

A liberalização sexual e a globalização do mercado do sexo, bem como a crescente consciência da extensão e da gravidade da vitimização sexual de crianças e adolescentes, tornam urgente um redimensionamento da prevenção da sexualidade Saffioti (idem).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - Eca (art.227), entende-se como superada a concepção da prevenção junto a populações de risco o que, além de ser extremamente

difícil de definir nesta área, não se dirige a toda a população, privando-a do direito (universal) a uma sexualidade satisfatória, responsável e protegida.

Nos estudos e na bibliografia sobre violência sexual verifica-se que a dimensão sexual dessa violência carece ainda de estudos mais aprofundados que levem em conta toda sua complexidade. No entanto, já é possível caracterizar as situações de violência sexual contra crianças e adolescentes como:

- o envolvimento de criança ou adolescente em atividades de caráter sexual, por parte de pessoa dotada de autoridade e poder;

- uma relação de poder entre desiguais: o violentador, além de ter mais idade, é maior e mais forte (em tamanho e força) do que o violentado; é dotado de ascendência e/ou autoridade reconhecidas; possui treino no exercício do poder e acesso aos recursos sociais e econômicos que o habilitam para tal exercício (Ravazzola, 1997);

- uma relação de poder, na qual a pessoa com mais poder (o violentador) aproveita-se do violentado e tira vantagens da relação de violência, ou seja, prazer sexual, dominação do outro, sadismo, lucro;

- uma relação de dominação, ou seja, de poder do dominador de realizar seus interesses e objetivos e de grande dificuldade do dominado de reagir;

- uma relação assimétrica de gênero e de idade, envolvendo, na grande maioria dos casos, homens adultos e crianças e adolescentes do sexo feminino;

- uma violação dos direitos da pessoa humana e da pessoa em processo de desenvolvimento; direitos à integridade física e psicológica, ao respeito, à dignidade, ao processo de desenvolvimento físico, psicológico, moral e sexual sadios. A violência sexual na família é uma violação ao direito à convivência familiar protetora

## **1.6 Infância e Adolescência**

Moreno, citado por Ferrarri, 2002, ao nascer, a criança depende do ambiente à sua volta para sua sobrevivência: “A relação de dependência que se estabelece com base nisso será decisiva para a sua formação e desenvolvimento. Daí a importância do estabelecimento e da consistência dos primeiros vínculos, pois a criança depende do outro para crescer, para ganhar individualidade”

As categorias criança e adolescente nem sempre existiram. Foram construídas histórica e socialmente e seus lugares sociais se distinguem segundo a época e a sociedade em que vivem.

A bibliografia sobre a proteção e assistência a crianças e a adolescentes, e inclusive a referente à violência sexual, utiliza essas duas categorias indistintamente como se se tratasse de uma mesma realidade (“menores de idade”, de influência jurídica) e de uma só etapa no processo de desenvolvimento. Além disto, abstrai-se, em geral, a classe social, o gênero e a raça/etnia às quais pertencem como se estas não fossem fundamentais na formação das identidades e na determinação de suas situações concretas de vida.

A formação econômica e social brasileira, que deu origem às culturas machista, escravocrata e burguesa é determinante da violência sexual a que são submetidas crianças e adolescentes no País.

Nos estudos e no enfrentamento da questão da violência sexual há necessidade premente de distinguir a especificidade do ser criança e do ser adolescente, enquanto fases distintas da vida e da vivência da violência sexual em suas diferentes formas.

Ao se definir o que é criança e o que é adolescente clarifica-se a questão da autoridade dos pais e da liberdade dos filhos, principalmente a dos adolescentes. Clarificam-se também medidas de intervenção diferenciadas segundo a idade e a fase da vida dos abusados.

## **1.7 A Família**

A questão familiar é um dos pontos centrais, um marco, na compreensão e no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes. O que se sabe sobre as relações familiares no que se refere a esta problemática está servindo pouco ou é ainda insuficiente. Têm-se a convicção de que há muitas coisas que não foram ainda estudadas e nem captadas. Frente à história da família, as histórias e trajetórias familiares suas funções de proteção, reprodução, socialização e identificação não são estáticas; pelo contrário, são extremamente dinâmicas e diferenciadas.

Constata-se, por exemplo, que aumentou muito no país o número de famílias matrifocais, nas quais há muitos homens (que não os genitores) circulando e que esses são muitas vezes provisórios, alheios às funções parentais. Por outro lado esta situação pode aumentar o risco de abuso sexual dos “filhos(as) da mãe”. Um outro exemplo são as diferenças das famílias segundo a classe social, e mesmo as “famílias de rua”.

Verifica-se que o que o ser humano em desenvolvimento necessita até uma certa idade é proteção e que às vezes não é a família quem pode lhe dar isso. O que põe em cheque o mito da família, consangüínea e feliz.

A família, sua composição, dinâmica e funções têm de ser considerada historicamente.

A história e a antropologia têm contribuído enormemente para a compreensão da família brasileira, no passado e hoje. Estudos esses que devem servir de base ao entendimento da vitimização sexual de crianças e adolescentes por familiares.

Todas as famílias têm uma história familiar, articulada à história social e econômica do lugar e da época em que vivem. Histórias que ajudam a compreender sua dinâmica, comportamentos e atitudes diante da vida, dos filhos e da vitimização sexual de suas crianças e adolescentes. Considerando que os limites sociais e familiares e os valores são construídos socialmente considera-se que a problemática da violência sexual contra crianças e adolescentes é uma questão eminentemente cultural.

Causam ainda muitas surpresas e inseguranças as profundas e recentes transformações que vêm sofrendo as famílias e que têm provocado mudanças nos papéis, valores e cotidiano familiares.

Para além das tipologias e diagnósticos psicológicos, é neste contexto amplo que devem ser pensadas as famílias brasileiras e as famílias concretas que vitimizam e as que não vitimizam sexualmente seus filhos. No entanto, é importante não apenas culpabilizar as famílias brasileiras, pois grande parte delas é abandonada pelo Estado e pela sociedade e se vêem sozinhas diante da imensa e difícil tarefa de sustentar, criar e educar os filhos no Brasil de hoje. Vivem elas num país que não cuida de seus cidadãos.

## **1.8 As Leis e o Abuso Sexual**

As autoridades brasileiras conscientes da absoluta inadequação da legislação brasileira sobre os crimes sexuais consideram indispensável e urgente a mudança do Código Penal. Verifica-se, no entanto, que não há consenso sobre se na nova legislação os crimes sexuais devem ser tipificados em detalhe ou genericamente, o que possibilitará que todas as formas de violência sexual, inclusive as que virem a existir, possam ser enquadradas legalmente.

Considera-se que a precisão conceitual alcançada em pesquisas sobre este tema pode contribuir nas discussões do novo Código Penal, como, por exemplo, a tipificação dos crimes de abuso sexual, incesto e exploração sexual no mercado do sexo, ausentes no Código Penal vigente.

Na literatura e nas definições pesquisadas sobre vitimização sexual de crianças e adolescentes a violação de direitos aparece como um dos elementos conceituais mais considerados.

Os direitos são históricos; sua legitimidade e legalidade são construções da sociedade e da humanidade. E o acesso ou não aos mesmos inscreve-se em padrões societários e culturais.

No Brasil, convive-se com padrões societários antagônicos e contraditórios. Ao lado de um importante movimento pela cidadania impera no País a impunidade, a justiça de classe (ou injustiça para os pobres, os fracos, os excluídos, os marginalizados), uma trágica herança histórica da escravidão e a presença atual de múltiplas formas de autoritarismo.

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma violação de direitos humanos universais, de regras sociais e familiares da cultura da sociedade em que ocorre. É, portanto, uma ultrapassagem dos limites humanos, legais, culturais, sociais, físicos, psicológicos. Trata-se de uma transgressão e neste sentido é um crime, ou seja, é o uso delituoso, delinqüente, criminoso e inumano da sexualidade da criança e do adolescente.

A legislação penal brasileira, com sua caracterização limitada e desatualizada dos crimes sexuais, bem como a corrupção da polícia (quando não seu envolvimento direto nos crimes sexuais cometidos contra crianças e adolescentes), a inoperância da justiça, a tolerância da sociedade e a impunidade generalizada vêm impedindo a responsabilização dos culpados e o acesso das crianças e adolescentes vitimizados a seus direitos.

De acordo com o ECA, a violência sexual contra crianças e adolescentes é crime contra a vida e no artigo 227:

*É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocar salvos de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*

Os direitos das crianças e adolescentes brasileiros, historicamente pessoas sem reconhecimento jurídico, sem direitos, são ainda fortemente contestados pela sociedade, que resiste fortemente ao Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

## **II – CAPÍTULO METODOLÓGICO**

### **DELIMITAÇÃO DO TEMA E JUSTIFICATIVA**

As formulações da teoria sócio-histórica propostas inicialmente por Vygotsky (1984), forneceram as bases necessárias às justificativas para os propósitos deste trabalho, colocando a violência entre vítima e agressor como fenômenos sociais relevantes que interferem na construção da individualidade de crianças e adolescentes que sofreram experiências envolvendo abuso sexual, especialmente em um período de desenvolvimento em que a construção de valores sociais, morais, éticos e religiosos ocorre com maior intensidade. Afirma-se, assim, a importância da participação mediacional da família em sua prática sociopedagógica, no desenvolvimento da subjetividade de crianças e adolescentes, incluindo construção, ampliação e mudança conceitual.

Sendo os conceitos socialmente construídos (Vygotsky, 1984), a formação do conceito de crianças e adolescentes acerca da violência sexual também teria a participação das concepções dos membros familiares ou com os que mantêm um tipo de relação significativa.

Tendo em vista que os profissionais da saúde se deparam com o desafio de tratar pacientes vítimas de abuso sexual, e que este se tornou uma questão de saúde pública pelo aumento do número casos ao longo dos anos, e com o aumento da violência doméstica, é necessário buscar espaços que dêem visibilidade à violência sexual. Campanhas têm servido para dar essa visibilidade, mas não são eficazes no combate ao abuso e à exploração sexual.

Em relação ao abuso sexual, a família deveria ser o único lugar adequado como espaço de prevenção, combate e responsabilização dos violentadores. É necessário que se explorem outros locais e novos mecanismos de enfrentamento da questão, que não se limitem à família, aos abrigos do Estado e às instituições filantrópicas.

Vale-se ressaltar a importância em se verificar as atividades econômicas que facilitam a inserção de crianças e adolescentes no mercado do sexo. Esse levantamento é estratégico para o enfrentamento da questão, além de ser um indicador dinâmico para se lidar com esses fatos, levando em consideração as mudanças ocorridas nas relações econômicas e culturais.

O grande desafio é fazer essa realidade sobressair a tantos mitos a respeito do abuso sexual e de seus efeitos sobre a vida dos indivíduos. Acredita-se que a melhor forma de exercer

efetivamente essa condição é orientar as pessoas que lidam com o abuso sexual, mediante a educação efetiva, e não punitiva, a desenvolverem estratégias pessoais para o enfrentamento, buscando novos sentidos para enfrentar a violência, que deverão ser inseridos na vida dos indivíduos. Assim, justifica-se a importância da elaboração desta pesquisa para investigar as influências das subjetividades individual e social na construção de novos sentidos no processo de tratamento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.

## **2.1 Formulação do problema**

Quais os aspectos envolvidos da subjetividade individual e social presentes no fenômeno do abuso sexual?

## **2.2 Problema e Objetivos da Pesquisa**

Na pesquisa sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, constatou-se que a maioria dos estudos sobre o tema são falas de atores externos à violência sexual, distanciados dessa vivência. Têm de ser pesquisados outros universos. Encarece-se a importância de ouvir os sujeitos violentados sexualmente, o que dará uma nova e diferenciada dimensão ao estudo do fenômeno. As crianças e adolescentes vitimizados têm de ser ouvidos para que se conheçam as vivências das relações abusivas. Adultos que foram violentados na infância e/ou na adolescência poderão ter melhores condições e distanciamento para falar de suas vivências. No entanto, é indispensável desenvolver metodologias e técnicas de entrevista para ouvir crianças e adolescentes vitimizados sexualmente, evitando pré-julgamentos, preconceitos e riscos de revitimização. É importante considerar essas questões éticas na metodologia da pesquisa com vitimizados sexualmente.

Outros importantes atores a serem pesquisados são os familiares da vítima (vitimizadores ou não), assim como amigos e vizinhos. É importante ouvir os pesquisadores do tema e os profissionais das redes de apoio e proteção aos violentados sexualmente.

## **2.4 Objetivos**

### ***2.4.1 Objetivo Institucional***

Projeto de Monografia sobre Abuso Sexual contra crianças e adolescentes submetido ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB a título de conclusão do curso de Psicologia do semestre de 2005.

### ***2.4.2 Objetivos Investigatórios***

#### **2.4.2.1 Geral**

Investigar a importância da representação dos aspectos subjetivos e sociais na Saúde para o tratamento de vítimas de violência sexual na infância e na adolescência.

Um fenômeno do porte da violência é de tal complexidade que seria muito difícil abarcá-lo como um todo. Assim, tornou-se necessário fazer um recorte, direcionado pelo objetivo da pesquisa, de forma a possibilitar melhor sentido metodológico e maior compreensão dos dados a serem obtidos.

#### **2.4.2.2 Específicos**

Foram formulados alguns objetivos específicos para essa pesquisa como:

- investigar o impacto do sentido subjetivo em crianças e adolescentes após terem sofrido abuso sexual;
- mostrar os aspectos em que ocorreu o abuso sexual, assim como as consequências para a criança e o adolescente;
- identificar as implicações da subjetividade que prejudicam o tratamento das vítimas de violência sexual;
- investigar como se organiza o sistema de significações e sentidos subjetivos de crianças e adolescentes vitimizados pelo abuso sexual;

- mostrar as possíveis relações entre algumas características da personalidade do sujeito e como se relaciona com o modo de vida para a construção de novos sentidos nas experiências de violência;
- pesquisar as representações subjetivas do sujeito a respeito da família de origem, a maneira como se relaciona com seus pares no presente e as perspectivas psicológicas e emocionais em relação ao futuro;
- investigar os possíveis mitos sobre a ocorrência do abuso sexual e os estigmas sobre os que já sofreram ou sofrem abuso;
- averiguar de que maneira contextos sociais irão influenciar as modalidades de abuso sexual contra crianças e adolescentes;
- buscar como a família se organiza em muitos casos mantendo as práticas de violência contra crianças e adolescentes;
- verificar a importância da família e das redes sociais para reconstrução de sentidos e significações e para o tratamento psicológico às vítimas de violência;
- discutir estratégias de intervenção psicossocial que visam a aprimorar o serviço dos profissionais de saúde com crianças violentadas e seus familiares.

### **III CAPÍTULO EMPÍRICO**

#### **PESQUISA QUALITATIVA NA SUBJETIVIDADE SOCIAL/ INDIVIDUAL**

De acordo com González Rey (2000), pesquisa qualitativa representa um processo constante de produção de idéias que organiza o pesquisador no cenário complexo de seu diálogo com o momento empírico. Produz conhecimento sobre o “objeto” de observação, idêntico ao do pesquisador. Por meio desse tipo de pesquisa, ocorre o resgate da condição de sujeito das pessoas pesquisadas, assim como as diferentes vias para chegar a ele, a condição do pesquisador como sujeito e a importância de suas idéias para a produção de conhecimento.

A pesquisa qualitativa apresenta-se como um processo irregular e contínuo, dentro do qual são abertos, de forma constante, novos problemas, novos desafios pelo pesquisador, que organiza diferentes momentos desse processo, orientando-se por suas próprias idéias, intuições e opções, dentro da complexidade em que se constitui a pesquisa.

Conforme Fernando Rey (idem), o caráter ativo do pesquisador não se limita à compreensão também ativa do objeto do conhecimento que atua sobre esse processo, mas vai além da própria consciência do pesquisador.

Ainda segundo González Rey (idem), a produção científica, como o caráter subjetivo da construção do conhecimento, a legitimidade do conhecimento produzido e as constantes reformulações surgem na elaboração do pensamento científico diante de cada novo momento de desenvolvimento da ciência. E a ciência, como produção permanente de zonas de sentido que definem novos níveis de inteligibilidade sobre os fenômenos estudados, nunca aparece em versões terminadas e acabadas, mas rerepresenta o processo em permanente progresso àqueles que são alheios aos dogmas e às definições universais invariáveis.

O contexto da pesquisa é organizado pelo caráter indutivo descritivo, construtivo e interpretativo, dando ênfase à relação com o pesquisado, pois se não existe formação de vínculo não há pesquisa. A pesquisa ainda é orientada à produção de idéias, ao desenvolvimento da teoria, à produção e ao desenvolvimento do pensamento do pesquisador; à recriação empírica do conhecimento, à comunicação e à produção de um contexto a ser investigado.

Na pesquisa qualitativa, o método usado por González Rey (idem) é o construtivo interpretativo, e o pesquisador, também com base em pesquisa qualitativa como Turato (2003),

utiliza o método indutivo/dedutivo. Ainda segundo González Rey (idem), o produto de conhecimento se dá onde o sujeito pesquisado confere sentidos e significados em face do objeto de estudo. Os objetivos estão em função de novas zonas de sentido do sujeito, e o foco da pesquisa está na relação de qualidade, pois o pesquisador e o entrevistado operam juntos na produção de conhecimento.

Assim, as contribuições do sujeito durante a pesquisa são de interesse do pesquisador e exigem a perícia deste para definir indicadores relevantes. A angústia e a ansiedade existenciais deverão necessariamente ser valorizadas. Então, é preciso haver maturidade e interesse nos sujeitos estudados. Fazem parte da existência das pessoas as inquietações e, portanto, elas estarão presentes no diálogo para interpretar o seu significado.

O cenário é a comunicação, o diálogo essencial para o pensamento, e elemento imprescindível para a qualidade da informação produzida na pesquisa. O contexto pode ser interativo, mas o tecido relacional da pesquisa determina o valor da qualidade da informação.

A construção a partir da informação no momento empírico é um processo complexo e irregular que passa por diferentes momentos antes que a informação adquira sua importância científica. Ela não apenas parte de dados empíricos, mas de conceitos, idéias e construções integradas indissolivelmente nessa produção de informação.

Para González Rey (2000), o momento empírico é o cenário particular do processo de produção de conhecimento para onde convergem as informações em conteúdo que acompanham esse processo. O sujeito e objeto da pesquisa são indissociáveis por estarem permeados pela subjetividade de ambos. A subjetividade do pesquisador está presente sempre, entretanto, os protagonistas são o pesquisador e o pesquisado. Este tem papel especial e singular, responsável pela qualidade de sua expressão, e esta depende do vínculo com o pesquisado.

### **3.1 Comunicação e Pesquisa Qualitativa**

O objeto da pesquisa qualitativa é um sujeito interativo, motivado e intencional, em que o pesquisador deve utilizar-se do diálogo (processo de comunicação) para o desenvolvimento da pesquisa.

Em pesquisa qualitativa não existe uma relação linear isomorfa, por ser um processo complexo e plurideterminado, em que o sujeito dará seu significado perante o elemento de

sentido (uma pergunta, uma fotografia, uma discussão direcionada por grupos), segundo González Rey (2000). Nessa pesquisa, o problema apresenta-se de forma complexa e conduz à zona de sentido do objeto estudado, não prevista no início da pesquisa.

Ainda de acordo com Fernando Rey (2000), o diálogo não é apenas um suporte emocional ao pesquisado, mas o elemento principal para a elaboração do pensamento e, conseqüentemente, da qualidade da informação produzida.

O pesquisador é ativo e participante durante a entrevista, e a qualidade dessa relação dará suporte ao pesquisado para que “expresse” a sua singularidade pela fala, e esta está vinculada ao contexto interativo.

O momento empírico é fonte de novos fenômenos que conduzem a contradições com as formulações de que dispõe o pesquisador para conceituá-las. É o momento de confrontação e desenvolvimento da teoria. Nesse contexto, a revisão bibliográfica é essencial para a produção de conhecimento em pesquisa qualitativa.

### **3.2 Lógica Configuracional**

Segundo González Rey (2002), historicamente os processos de construção da informação originam-se de dois processos: a indução ou a dedução. Estes partem em princípio da utilização de uma seqüência linear, são ordenados e regulares, com o intuito de legitimar uma informação. A proposta para a construção de informação desta pesquisa é a lógica configuracional, por representar um processo que possui características empíricas de proposições conceituais, as quais são seguidas pelo pesquisador. No entanto, tais proposições não são criadas pelo pesquisador com intuito de confirmar suas hipóteses estabelecidas *a priori*, pois estas têm a função de um norte para o pesquisador, e não uma verdade a ser seguida. Tal proposta foi adotada por representar uma via de acesso ao processo irregular e constante, em que a neutralidade não está presente, pois o pesquisador também é parte de sua pesquisa. Por isso, cabe citar González Rey (2002, p. 128):

A ciência não é o seguimento do caminho puro e acético de uma lógica programada nos fatos, ou na mente do pesquisador, como sugerem as alternativas empiristas e racionalistas, mas é um processo complexo que envolve o pesquisador de forma simultânea em diferentes dinâmicas contraditórias, das quais só pode sair por intermédio da elaboração de opções que lhe permitam

atribuir sentido a determinadas áreas dessas dinâmicas, cujo desenvolvimento conduzirá de forma progressiva a outros aspectos do estudado, o que leva ao estabelecimento de uma nova teoria.

González Rey afirma que o rompimento com o paradigma vigente positivista cartesiano, onde o pesquisador busca a neutralidade com o intuito de não contaminar os dados de sua pesquisa e ainda visa à linearidade dos fatos. Constitui-se em um novo pensar em que o pesquisador, ao estar diretamente implicado com sua pesquisa, apresenta-se como uma via de construir a informação que é legítima. Pois ele está envolvido em um processo complexo, irregular, por vezes contraditório e de tensão constante, fatos que constituem o estabelecimento de uma nova teoria.

De acordo com González Rey (2002, p. 132), a lógica configuracional apresenta características fundamentais as quais devem ser destacadas:

- possui objetivo de expressar os processos complexos que acompanham a produção teórica;
- representa um processo complexo e plurideterminado;
- é um novo elemento que pode representar uma mudança no curso da pesquisa, bem como na qualidade dela.
- possui múltiplas formas de informações (teorias já existentes, bem como as novas idéias do pesquisador);
- não representa um processo consciente e intencional do pesquisador;
- possibilita ao pesquisador de forma criativa organizar a diversidade das informações estudadas e de suas idéias em eixos de produção teórica.

### **3.3 A Legitimidade no Curso da Pesquisa**

Na pesquisa qualitativa, a legitimidade não é representada pelo valor que é atribuído à validade do conhecimento, confirmada pelos dados (característica da pesquisa quantitativa - paradigma positivista). No entanto, representa a viabilidade da informação construída na pesquisa, a partir dos indicadores e da lógica configuracional constituídos pelo pesquisador.

E assim vale citar González Rey (2002, p. 134): “O conhecimento não se legitima por sua correspondência isomórfica e linear com a realidade externa a ele; se assim fosse, não poderia

expressar as construções e se reduziria a conceitos descritivos possíveis de serem definidos de forma direta na realidade imediata”.

Com a citação anterior, é possível constatar que a existência de uma não-linearidade corresponda a uma forma de estabelecer novas construções teóricas do objeto estudado, a partir da realidade em que se encontra, podendo representar uma área dessa realidade.

### **3.4 Caracterização Básica**

O Método de Pesquisa em Psicologia a ser utilizado na fase de toda a investigação será o Qualitativo. Na fase de coleta de dados, foram usados vários instrumentos e, dependendo dos resultados das análises dos instrumentos da pesquisa, será empregada também a perspectiva configuracional. Na fase de interpretação será o construtivo-interpretativo.

### **3.5 Participante**

Pretende-se utilizar como sujeito nesta pesquisa um paciente vítima de abuso sexual, conduzido ao acompanhamento psicológico do Programa Violeta (Projeto de Prevenção e Acidentes e Violências) do Hospital Regional da Asa Sul - HRAS, devido à notificação de atentado violento ao pudor contra o referido menor, abuso extrafamiliar, que estava sendo acompanhado por essa mesma pesquisadora nesse Hospital, em um trabalho anteriormente desenvolvido.

### **3.6 Recursos**

Efetuuou-se breve estudo de caso do núcleo familiar do adolescente E. A., 12 anos, que sofreu abuso sexual. Para tanto, foram realizadas entrevistas com o uso de procedimentos técnicos em Psicologia, com o objetivo terapêutico de destacar e analisar os aspectos psíquicos do sujeito

Foram utilizadas estratégias lúdicas durante os encontros com o referido adolescente, a fim de investigar e verificar os aspectos psicológicos e emocionais do sujeito em questão, o contexto em que ocorreu o abuso sexual, as relações pessoais dele e suas vinculações afetivas, bem como suas relações parentais com os demais membros da família, averiguando se houve anteriormente eventos de violência intrafamiliar.

Também foram utilizados procedimentos de ludoterapia por meio de estratégia de colagens de figuras para facilitar o relato verbal do adolescente durante a pesquisa e averiguar as representações subjetivas a respeito da sua família de origem, a maneira como se relacionam com seus pares no presente e suas perspectivas psicológicas e emocionais em relação ao futuro.

Para essa pesquisa, foram utilizados três instrumentos para coleta de dados dos pacientes vítimas de abuso sexual, constituindo o primeiro em um questionário de complementos de frases de 81 itens (Apêndice 1), baseado na literatura revisada e na teoria. Posteriormente, foi solicitado que o sujeito retratasse por meio de colagens de figuras de revistas (Apêndice 2), da melhor forma possível, aspectos inerentes à sua subjetividade em uma folha de papel cartolina “O Presente, o Passado e o Futuro”. Também foi solicitado que completasse um livro terapêutico, “Meu corpo meus sentimentos...” (Apêndice 3) com o objetivo de que expressasse seus sentimentos.

Também foram realizadas entrevistas com o adolescente e com alguns membros familiares para que pudessem ser verificadas algumas informações à respeito da dinâmica familiar e os aspectos que envolveram o abuso sexual. Para tanto, foi necessário que as entrevistas fossem no ambulatório do referido Hospital em vários momentos, em que foram utilizados os instrumentos para a construção da informação.

Os encontros duraram, em média, sessenta minutos cada um. Foram desenvolvidas também conversações informais que em muito contribuíram para o esclarecimento de aspectos que envolviam a subjetividade do sujeito pesquisado.

### **3.7 O Desenho como Instrumento de Pesquisa**

O desenho é um instrumento diagnóstico de utilização vantajosa, porém cautelosa. Como instrumento de avaliação, ele deve ser apenas parte dos procedimentos gerais de diagnóstico, um auxílio a ser contextualizado no procedimento geral. Preliminarmente, é uma das formas rápidas de estabelecer uma relação dinâmica, fácil e lúdica com a criança.

Dolto (1989) destaca que, muitas vezes melhor do que a fala, o desenho emerge as sutilezas do intelecto e a afetividade. Ele supera a limitação da linguagem verbal. Ao expressar-se via desenho, a criança projeta-se e expõe, como nos sonhos, a repetição de um tema e seus símbolos, podendo ser a expressão de um evento importante, traumático ou impressivo em

qualquer caso, Di Leo (1991). A impressão forte burla a repressão a fim de mostrar-se. É por meio das artes que as crianças nos contam suas experiências, Malchiodi (1990). Di Leo (idem) chama atenção no sentido de o desenho ser uma, representação, e não uma reprodução. Assim sendo, a interpretação da arte infantil não consegue excluir a subjetividade de quem a interpreta.

Este tópico nos alerta para a importância da contextualização do desenho, avaliado com todo o conjunto de variáveis investigadas. A criança é o pivô da interpretação, é ela que nos guiará por sua produção falando-nos dela. Logo, o desenho deve ser tomado como parte de uma avaliação abrangente, sendo auxiliar no diagnóstico e terapia dos casos.

A contribuição dada pelos desenhos varia de pessoa a pessoa e pode atingir o grau máximo de revelação dos conflitos ou atingir apenas a classificação de vago ou contraditório.

O desenho é um forte aliado diagnóstico, terapêutico e um instrumento importante para a pesquisa, e a insistência de ele não ser levado em consideração de forma leviana decorre dos questionáveis resultados de escores obtidos até agora nos planos de mensurá-lo e testá-lo.

Dos aspectos comentados, a entrevista, devidamente avaliada, é o principal indicador de abuso sexual. Uma entrevista acrescida de outras avaliações, como alterações de comportamento, desenho, etc., torna o diagnóstico cada vez mais embasado, pois a palavra deste tipo de vítima é o principal fator a ser valorizado (Nurcombe, 1986, Garfinkel e cols., 1992).

Segundo Piaget (1991), entre três e quatro anos, o que era apenas garatuja passa a simbolizar algo com o mundo visual. A partir dessa idade, podem-se tomar os desenhos como contadores de histórias acerca das crianças que os desenharam.

Nos casos de vítimas de abuso sexual, Garfinkel e cols. (1992), sugerem que a criança desenhe uma pessoa, uma família, uma situação (ou lugar) agradável, uma situação (ou lugar) desagradável. Deve sempre ser questionado e avaliado, juntamente com a criança, o que a história global do desenho conta. Di Leo (1991) sugere que o contexto global é o que há de primeiro plano em nível de importância no desenho. Depois, questionam-se detalhes, cores, personagens, etc. (Dolto, 1989; Malchiodi, 1990).

Os itens sugeridos para análise como família e reações afetivas não o são à toa, pois a criança vítima de abusos tem tantas deturpações de sua auto-imagem como dos outros (Malchiodi, idem; Garfinkel e cols, idem). Quando desenha a si própria, não é raro apresentar-se feia, suja, e quando questionada verbalmente sobre quem é a pessoa e como ela é, seguidamente

as respostas são carregadas de desqualificativos. Não é incomum também que ela desenhe imagens idealizadas e, seguidamente, verbalize que o desenho era aquilo que gostaria de ser ou como gostaria que fosse sua vida pessoal ou familiar.

O item família é talvez mais importante e rico nas revelações de abusos incestuosos. É comum vítimas de abusos se omitirem do desenho ao desenharem suas famílias (Di Leo, 1991; Malchiori, idem). Também é importante a avaliação das reações afetivas demonstradas pela criança quando se pedir que desenhe sua família. A família sempre desencadeia a mescla de elementos afetivos, quando a criança fala ou desenha sobre seu núcleo de referência familiar (Di Leo, idem; Minuchin, 1986).

Das oposições entre situações exploradas nos desenhos em agradável-desagradável, tiram-se informações igualmente interessantes. É comum que como situação agradável a criança desenhe momentos de integração familiar pré-abuso, ou idealizações de sua família, distantes da realidade. Já nas situações desagradáveis, os desenhos variam desde acidentes com crianças (a infância marcada por acidentes), até situações extremas em que a criança desenha a própria situação de como era abusada.

### **3.8 Apresentação do Estudo de Caso**

#### ***3.8.1 Configuração Familiar***

E.A., o sujeito, é um pré-adolescente de doze anos de idade, órfão de mãe, estudante da 2ª série do Ensino Fundamental, evangélico que sofreu abuso sexual extrafamiliar por um pastor da Igreja Evangélica. Tem cinco irmãos de diferentes pais.

Em relação aos membros de sua família estão J.B.A, 74 anos de idade, seu progenitor materno e atualmente é responsável pela guarda do menor, depois do falecimento de sua mãe que faleceu há aproximadamente um ano. Este é casado com Z.S.T.A., 47 anos de idade, esposa do progenitor, que tem uma filha de outro casamento. A situação socioeconômica familiar é baixa, pois dez pessoas moram na casa de três cômodos composta pelos os netos e parentes, dos quais o progenitor, a esposa e o marido da filha da esposa são os únicos que trabalham. E.A. têm outros cinco irmãos A.A , com 18 anos, Ed. com 16 anos, filhos de A M. e A.E.M., e mais dois irmãos EL. e N., idade de 9 e 7 anos, respectivamente, filhos de J M. e A.E.M.

### **3.9 Discussão dos Resultados / Unidades de Análise**

#### ***3.9.1 Primeiro Instrumento***

Foi realizada com o sujeito colagem de figuras de revistas, em papel cartolina, que ele expressasse seus sentimentos e impressões a respeito do “Passado, o Presente e o Futuro” após ter sofrido o abuso sexual (ANEXO 1)

#### **Análise Construtivo-interpretativa**

O sujeito E.A dividiu em um papel cartolina em três partes como solicitado por esta pesquisadora, representando passado, presente e futuro para proceder às colagens de figuras de revistas que ele selecionou.

E.A. dividiu para maior parte para o passado onde colocou figuras de família, várias figuras de mãe com seus filhos, duas de bebês sugando o seio materno, de religiosos, de uma mulher presidiária, de mãos de uma criança e uma mulher se tocando e outras relacionadas à saúde, agricultura e aparelhagem de resistência física.

A partir da colagem surgiram informações interessantes à cerca do sujeito EA. Observa-se que EA. colocou para a sua colagem figuras que representam as experiências que viveu. Houve um predomínio significativo de figuras que envolviam mãe e filho, infância, família. Pode ser um indicativo de que EA. esteja privado do carinho maternal (ou cuidado maternal) que poderia após ter sido substituído, e supostamente não o foi por outra figura feminina importante, que fizesse esse papel, por isso pode-se supor a origem da saudade de sua infância e o isolamento de sua família.

Observou-se que o adolescente E.A. vincula sempre sua mãe quando se refere aos acontecimentos de sua vida (ANEXO 1). Tratando-se da maternagem fator importante para a formação da criança, esse evento poderia ser comum, a não ser pelo fato de o adolescente ter vivenciado uma situação de que não conseguiu superar: o falecimento de sua mãe. Os outros irmãos tiveram o apoio de seus genitores o que não aconteceu com E.A, pois seu suposto pai somente o reconhecerá mediante à confirmação do exame de DNA.

Na colagem que se refere ao passado, verifica-se também que E.A. colocou predominantemente figuras femininas que aludiu ser a sua mãe e tia: *”Essa foi a vez que minha mãe ganhou rosas do namorado..., e essa vez foi quando ela foi presa.”*Aqui era quando eu

*mamava e gostava muito! Ela me dava carinho!"; "Aqui é a minha tia comigo quando eu fui morar com ela, e com ficava ao lado da piscina da sua casa! Era legal!", "Minha mãe fez vários exames com minha tia, porque ela sofria do coração."*

Logo após o falecimento de sua mãe, a família foi separada. Os irmãos uns foram morar com a tia, e os outros, com o avô, então E.A. foi morar uns tempos com a tia, mas depois voltou para a casa do progenitor. O referido sujeito disse que sua mãe foi presa em quando este havia sumido de casa e, para procurá-lo, sua mãe havia levado uma faca em punho. Os vizinhos da rua logo avisaram à polícia, e sua mãe foi presa. EA. também disse que a sua tia havia feito exames médicos com sua mãe também porque sofria do coração por causa da bebida.

A única vez em que ele fez alusão a ele mesmo refere-se ao tempo em que ainda era bebê, e a uma figura que colocou de um menino com um prato de comida em sua frente pensando na comida e no tempo. E.A. relatou: *"É porque às vezes falta comida lá em casa, e eu fico com muita fome..., eu fico pensando na próxima hora em que eu vou poder comer..."*

E.A. atualmente mora com os irmãos mais velhos, em casa próxima a de seu progenitor. Os dois primeiros irmãos, recebem a pensão de seus pais, porém o referido sujeito não recebe, pois ainda não tem sua paternidade reconhecida por seu suposto pai. Pode-se levantar a hipótese de que seus irmãos não repassam parte de sua pensão para E.A., pois a pensão que eles recebem é de aproximadamente de R\$ 2 mil, não havendo, assim, razão de E.A. "passar necessidade" que mencionou.

O sujeito colocou figura de religiosos que disse ter sido a experiência que viveu com o pastor: *"Isso foi o meu passado... mas pra mim ele não é pastor não, ele me enganou, me disse que ia cuidar de mim e o que fez foi outra coisa, coisa errada..."* Para o presente E.A. colocou figuras de promiscuidade sexual entre pessoas e orgias sexuais; de pessoas sendo açoitadas nas costas; de grupo de pessoas adultas divertindo-se em uma piscina, de países, de pessoas abraçadas, de um casal abraçado, de uma mãe com seu bebê no colo, de dois homens em uma construção e de um homem em um olaria.

EA. relatou que presenciou orgias sexuais na casa de seu abusador, inclusive com meninos de rua menores que ele, os quais já estavam acostumados com esse tipo de acontecimento. O sujeito também relatou que havia colocado fogo em sua casa em certa ocasião, quando brincava com fósforos displicentemente. Ele disse que o incêndio não foi proposital e que

sua família ficou sem moradia na época. Disse que gostaria de viajar. Ele fez essa referência como se estivesse falando de seu futuro (essa figura ele colocou no passado). Relatou que já apanhou muito de sua mãe com “varinha de pau” e que ficava com as costas bem feridas por causa das surras.

Pode-se verificar em relação a E.A. que as lembranças do abuso sexual se configuram no ainda no presente: o pastor fez parte de seu passado, porém as conseqüências do que viveu fazem parte do seu presente. Ainda faz parte do presente o desejo de ter uma família, de ter o carinho maternal, de ter a felicidade e o reconhecimento de seu grupo social, de ter trabalho, de viajar e de lazer e o desejo de uma relação afetiva bem comum na pré-adolescência.

Para o futuro E.A. colocou figuras de um automóvel, de alunos em sala de aula, de remédios, de mãe e filho se abraçando, de crianças reunidas em sala de aula de jardim de infância, de um adolescente, de uma mãe com uma criança no colo depois de um acidente.

O adolescente demonstra falta de perspectiva em relação ao futuro, reportando-se sempre ao passado quando estava em companhia da mãe, ou quando morava com o pai. Verifica-se a ausência de referências parentais. As situações de abuso o deixaram ainda mais confuso e perdido pela possibilidade da associação da sexualidade à violência que sofreu.

Ainda sob essa configuração (futuro), E.A. reservou o menor espaço da cartolina e relatou: *”Quero estudar, ser alguém na vida, ter carinho e proteção, e não quero entrar nas drogas o que eu acho errado”*. E.A. disse várias vezes alguns colegas ofereceram a ele drogas (maconha) e ele recusou. Ainda relatou: *”Queria que minha mãe voltasse, mas não dá...então, queria ter uma mãe pra mim..., eu gostava de quando era criança. Ainda sofro muito pela falta da minha mãe. Eu tô confuso. Acho ainda às vezes que ela está aqui.”* Durante a colagem expressou: *“Esse menino se sente solitário, não tem ninguém, está muito triste e ele precisa não vai usar drogas, não. As pessoas até que oferecem, mas ele não quer.”*

O futuro aparece com algumas possibilidades como o desejo de ter um automóvel, o desejo de melhorar nos estudos em sala de aula, o desejo de ter novamente os cuidados e carinhos de uma mãe. Aparece também a falta de perspectivas como a dor e o desespero da possibilidade da perda de outros entes queridos, as ameaças do uso de drogas, a fixação ao estágio anterior de desenvolvimento infantil pela atenção e carinho que tinha e agora não possui mais, o sofrimento e

o desespero pessoal pelas questões que o afligem e, por fim, a solidão e a falta de pertencimento familiar, por não considerar possuir o referencial parental: como se estivesse sozinho no mundo.

Verificou-se a necessidade de encaminhamento do exame de DNA, a fim de constatar a paternidade do adolescente E. A., em virtude de essa ação ser imprescindível para o seu tratamento psicológico. É importante a continuidade do acompanhamento psicológico no ambulatório do Hospital para que outros aspectos de sua personalidade possam ser investigados e tratados, bem como as conseqüências da violência que sofreu.

### ***3.9.2. Segundo Instrumento***

O instrumento constituiu-se em um livro terapêutico elaborado por esta pesquisadora sob a orientação da professora Izane Menezes do UniCEUB, no qual E.A. deveria responder manualmente. O livro terapêutico objetiva promover o relato verbal do adolescente sobre o contexto em que ocorreu o abuso explicitar seus sentimentos relacionados ao fato.

O objetivo desta técnica é levar a criança vítima de abuso sexual a conhecer sua história de vida, falar sobre os seus sentimentos e aprender conhecer as situações de abuso na tentativa de promover um repertório de autoproteção, a fim garantir a sobrevivência emocional da criança pela negação dos fatos. O instrumento desenvolvido foi a partir de frases para completar do livro: “Quando a família está com problemas” (Marge Heergard).

### **Procedimento**

O adolescente preencheu as frases para completar do livro terapêutico em papel almaço, após os esclarecimentos desta pesquisadora. Posteriormente, a criança foi convidada pela pesquisadora a discutir sobre o que escreveu no livro terapêutico.

### **Análise Construtivo-interpretativa**

O sujeito E.A. pela própria escrita sugere que tem dificuldades na escola, pois escreve errado para a sua escolaridade. Ele está na 2ª série do ensino fundamental e ainda comete vários erros ortográficos não compatíveis com essa fase de desenvolvimento.

Ele considera sua família seus quatro irmãos, seu tio materno (Al), e sua falecida mãe (Na), esposa de seu tio (Va) e sua prima (Gr). Quando fez o desenho da família, E.A. não se

incluiu nele e representou somente as pessoas que considera como sua família. Como não se desenhou como parte da família, supõe-se que E.A. não se sinta reconhecido como membro de sua família.

EA. considera-se uma pessoa legal e simpática, por ser alegre, brincalhona e prestativa. Seus amigos segundo EA. acham que ele é alegre e legal, pois gosta de ajudar as pessoas. O que E.A. gosta de fazer é jantar, atividades domésticas diárias como limpar a casa, lavar a louça e limpar o fogão. Quando esta pesquisadora lhe perguntou se realmente era isso que ele gostava de fazer, disse categoricamente que sim. E quando foi perguntado a ele se optaria entre jogar bola, o futebol, ou fazer outra coisa que de que gostasse, disse que mais gostava de fazer, continuou afirmando que gostava de limpar o fogão, porque não podia deixar a casa suja. E que ele não gostava as atividades que os meninos gostavam de fazer, não Ele gostava de fazer as coisas em casa para ajudar as pessoas do que como jogar bola na rua.

Pressupõe-se que E.A não tenha alternativas de lazer e de brincadeiras típicas de sua idade pela própria condição financeira que restringe suas opções, pela cultura familiar em relação à criação infantil. Ele apresenta privações alimentares quando expressa que mais gosta de fazer em primeiro lugar é jantar. Entende-se que suas necessidades básicas não estejam sendo atendidas, como alimentação, afeto, higiene e moradia apropriada. Além disso, há os aspectos que o levaram a ser vitimizado pelo abuso sexual extrafamiliar, que começou com uma negligência familiar e culminou na situação de abuso sexual.

Quando desenhou o seu auto-retrato, E.A. disse que o menino que estava no espelho se sentia alegre e orgulhoso porque se achava uma pessoa prestativa. Desenhou-se como um menino alegre, com as mãos no bolso como se estivesse com o tronco de perfil. Desenhou o rosto de frente, pintando somente as roupas do menino em que se retratou. Observa-se que E.A. apresenta dificuldades de representar seu corpo, pintando somente suas roupas. Ele retratou-se como um menino feliz e sorridente, quando se sabe o sofrimento atual que está passando devido ao impasse familiar, às experiências de abuso sexual que viveu. Conjetura-se que ele se retratou como alguém que gostaria de ser: alegre e orgulhoso.

Quando solicitado a desenhar as partes do corpo apresentando o corpo humano e nomeando as partes que desenhou, novamente retratou um menino com roupa, quando o que foi solicitado que desenhasse o corpo humano. Desenhou o menino com o tronco de perfil e com o

rosto de frente. Nomeou: cabeça, boca, braço, barriga, perna, pé. Dessa vez, quando desenhou “o corpo humano” não o pintou. Disse que não queria pintar o menino vestido.

Verifica-se a dificuldade de EA. em representar seu corpo e entrar em contato com seus sentimentos em relação ao abuso sexual que sofreu, pois além de se desenhar sempre vestido, em todos os desenhos que fez de si, não pintou a figura humana, mas somente suas roupas. Quando este desenhou sua família, entretanto, pintou não somente suas roupas, mas todos os membros familiares que retratou.

EA. relatou que gosta de seu olho, de sua boca, de sua barriga, de seus braços e da sua pele. Observa-se que EA., apesar de não querer pintar o menino que retratou anteriormente, demonstra indícios de uma sexualidade aflorada ressaltando os aspectos corporais. EA. continua relatando que gosta de sua inteligência e de seu comportamento e do carinho que dá às pessoas ao abraçar e fazer cafuné. Em relação ao que não gosta em si, disse que não gosta de respeitar as pessoas e que costuma escutar isso das pessoas com as quais convive. Escreveu que não gosta de falar palavrão e nem falar mal das pessoas. E um respeitar as pessoas e ficar “vagabundando na rua”, por aí pela rua andando por aí e fazendo “coisa errada”.

O sujeito disse que gostaria de mudar, de não sair de casa sem a autorização dos familiares, e sem mentiras e não mais “desfazer das pessoas”, não dar ouvidos ao que as pessoas dizem a ele. Disse que ele saiu do colégio e passou o final de semana sem dar notícias para o seu avô e familiares. Ligou somente bem mais tarde para o avô dizendo que estava na casa de um amigo que fora para lá para ajudá-lo e desempenhar um trabalho em troca de algum dinheiro.

E.A. quando solicitado a desenhar “como eu gostaria de ser” desenhou um menino sorridente, novamente com o tronco de perfil e o rosto de frente. Dessa vez, pintou as roupas do menino que retratou. Escreveu que gostaria de ser pastor para pregar a palavra de Deus. Relatou para a pesquisadora que gostaria de não fazer o que o outro pastor fez. Disse que, na realidade, ele não o considerava como pastor.

Ao retratar a atividade, EA. desenhou rostos com expressões mostrando sentimentos que sentiu ao fazer a atividade e escreveu o nome dos sentimentos: alegre, triste, feliz, orgulhoso.

### 3.9.3 Terceiro Instrumento

O terceiro instrumento foi elaborado para que aspectos da subjetividade do sujeito E.A. pudessem emergir por meio dos complementos de frases, que constituiriam uma estratégia para que o sujeito pudesse se expressar. O questionário foi elaborado pelo professor-orientador Fernando Rey, com algumas alterações, de acordo com os objetivos dessa pesquisa.

#### Análise Construtivo-interpretativa

##### Unidade de Análise Um

1 – Quais são as três maiores alegrias e as três maiores tristezas da sua vida?

##### Alegrias

São ter meus avós.

É ter meus irmãos.

É ter minha mãe.

##### Tristezas

Morar na rua.

Ser uma pessoa infeliz.

Perder a minha mãe e o meu pai.

2 – Quais são os três projetos de vida que você tem e qual o valor que cada um tem.

Ter uma mãe, uma irmã e um pai. Ter uma família. Fazer curso de médico para ajudar as pessoas que estão correndo risco. Ser pastor para pregar a palavra para os outros, dar testemunho de Deus para os outros.

3 – Complemento de frases:

4 – As coisas que mais me agradam

Ter minha mãe e um pai.

5 – As coisas que não gosto

Morar na rua.

E de brigar com os caras que costumam brigar.

**6 – Pense na sua vida. Como ela será daqui a 10 anos.**

Minha vida pode ser ruim e pode ser boa.

Ruim: Não ter ninguém na minha vida. Posso perder meu avô, meu tio e meus irmãos.

Pode acontecer muita coisa ruim.

Boa: Ter uma família.

**7 – Meus maiores temores na vida são:**

Realmente perder meu avô que é o único que eu tenho. E perder meu pai.

**8 – Meus maiores desejos são:**

Minha mãe. Ter uma mulher para fazer companhia.

**9 – Se eu pudesse nascer de novo, que gênero (sexo) você escolheria?**

**Porque?**

Homem. Porque o homem gosta mais de ter um filho homem. As camizinha para sexo.

Fazer coisas erradas! Não gostar de “ser viado”.

**10 – Complete as frases:**

**1. Eu gosto** de sair andar ir au(SIC.) Parque ir ao shopping e ser uma pessoa estudiosa.

**Análise Construtivo-interpretativa**

As alegrias do sujeito E.A. estão relacionadas a ter o avô, os irmãos e a ter tido sua mãe (questão 1). Aparece também a possibilidade de ter novamente uma mãe, ou alguém que desempenhe esse papel, como já foi visto em outros dois instrumentos, de ter irmãos e um pai: ter uma família. Ainda faz parte das alegrias a difusão de práticas religiosas mediante testemunho pessoal (questão1). Sua felicidade aparece novamente ligada ao desejo de possuir o amor maternal e paternal e de uma companheira, como também “*ser uma pessoa estudiosa*” (questão

1). Também aparece como prática idealizada: “*andar no parque e ir ao shopping*”, uma atividade restringida ao sujeito pela condição socioeconômica.

As tristezas envolvem a perda de referenciais importantes em sua vida. O convívio com a mãe e a separação dela e a possibilidade da perda da convivência ou falecimento de outros familiares (questão 6), juntamente com as “coisas” que não são agradáveis, incluem-se morar na rua e brigas com pessoas de seu meio que costumam brigar. Supõe-se que E.A. tenha sofrido decepções relativamente a esses aspectos, pelos episódios que viveu na rua causados por situações familiares (questão 5) na sua história de vida. Talvez esses sentimentos façam parte do processo de perda de referencial importante: sua mãe, que foi também verificado em outros instrumentos. Temores associados novamente à perda de referências afetivas importantes e a preocupação de perder membros familiares (questões 6 e 7). A referência familiar é importante para a existência humana, no entanto, tem sentido essencial para a vida do sujeito quando ele a perde.

O que seria a representação de uma família para o sujeito? (questão 2). Pressupõe-se que E.A. deseja possuir o que ele julga não ter ainda: uma família.

Segundo a sua perspectiva, o futuro apresenta-se obscuro e impreciso, (e isso poderia estar relacionado com a qualidade de vida que teve, e que pode ter piorado após o falecimento de sua mãe pelas condições financeiras da família), pois os projetos que ele diz possuir se baseiam apenas na busca de amor e carinho materno de constituir novamente uma família, fazer curso de médico para ajudar as pessoas, e às práticas religiosas (questão 2).

E.A. sente-se perdido e muito inseguro em relação ao futuro (questão 6), pois sua situação é diferenciada em relação aos seus outros irmãos os quais recebem apoio financeiro de seus genitores (os irmãos são de pais diferentes) e ainda quando escreveu: “*Não ter ninguém na minha vida. Posso perder meu avô, meu tio e meus irmãos*”.

Conclui-se que o sujeito, além da dependência estrutural, está na dependência do resultado do exame de DNA, na reação de seu suposto pai e nas resoluções do Ministério Público em relação à sua guarda. Ele expressa medo da perda dos familiares, novamente, como aconteceu com a mãe ao passar mal por uma parada cardiovascular e vir a falecer. Poderia o sujeito também temer que o mesmo acontecesse com seus familiares mais próximos. Nesse caso, o tio e o avô materno (questão 6)

O futuro só pode ser vislumbrado, só pode ser pensado com relação à possibilidade de ter ainda uma família. Percebe-se a extrema insegurança de EA. em relação à sua condição familiar atual (questões 6, 8) expressando certa nostalgia e, novamente a saudade da infância. Na questão 8, também aparecem sentimentos associados ao desejo de ter uma mãe e uma companheira.

Na questão 9, em relação à escolha de gênero, as representações do masculino parecem estar associadas à tentativa de reconhecimento e aprovação por parte de seu pai, pelo fato de ser de sexo masculino. Primeiro interpretou a camisinha como uma “opção de sexo” (entendeu que a pergunta estava relacionada a isso). Questões de gênero seriam para o sujeito E.A. um foco ansiogênico, de uma série de conflitos, pois interpretou a heterossexualidade como uma opção socialmente mais aceitável?

### **Unidade de Análise Dois**

**2. O tempo mais feliz** ta na casa do meu pai. E os natal(sic) o carnaval, os dias das crianças e o Dia da Pátria.

**3. Gostaria de saber** u (sic) resultado do exame de DNA.

**4. Lamento** Se eu sou um menino ruim e um menino charro (sic). Se um dia eu deixar de ser crente, se eu não honrar a palavra que eu to falando.

**5. Meu maior medo** Der corba (sic) escorpião e largraticha (sic).

**6. Na escola** Eu sou um menino legau (sic) Alegre e feliz. Me esforço (sic) muito para passar do primeiro grau.

**7. As mulheres** dar muita alegria para os homen (sic) e muita felicidade.

**8. Não posso** fica (sic) com medo de nada E nem ficar triste perto de mulher. Desistir das mulheres que existem do mundo.

**9. Sofro** muito canto eu lembro da minha querida mãe. Deixar de ir a escola.

**10. Fracassei** muito canto (sic) eu lembro da minha querida mãe. Eu não obedecia.

**11. O sucesso** eu gosto de está (sic) em igreja. Ta numa festa na igreja.

## **Análise Construtivo-interpretativa**

O sujeito E.A. refere-se à felicidade, quando diz que o tempo mais feliz era o tempo de criança (questão 2), porém pode ser indício de saudade da infância recente e uma insatisfação com o tempo presente. Além do convívio com a mãe, os tempos mais felizes (frase 2) constituem a época em que estava morando com seu pai, a época do Natal, o carnaval, dia da criança e o dia da Pátria. E entre as coisas que mais gostaria de saber está relacionado “ao resultado do exame de DNA” (frase 3) que poderá definir a sua situação familiar em relação à posse e guarda do menor.

Aspectos transcendentais ficam patenteados quando demonstra desejo de ser pastor e pregar a palavra de Deus na questão 4, como aparece em instrumentos anteriores. Expressa que possui medo de cobra e de escorpião (questão 5)

A questão 6 mostra que a escola para E.A. é um lugar onde se sente alegre e feliz, apesar de estar passando por dificuldades em completar o primeiro grau. E.A. demonstra ter também alguns problemas de aprendizagem.

A representação do papel feminino parece estar relacionada à felicidade e à alegria que proporciona aos homens (questão 7). Expressa na questão 8, logo em seguida, que: “não posso ficar com medo de nada e nem ficar triste perto de mulher. Desistir das mulheres que existem no mundo” Quando escreve: “desistir das mulheres do mundo” pode sugerir que o sujeito em questão tenha realmente conflitos quanto a questão de identidade sexual ou tenha tido decepções em relação a figura feminina. Estaria esse sentimento relacionado a algum evento, ou de alguma forma, ao seu relacionamento com o sexo masculino, ou em relação ao conceito de casamento (?), pois anteriormente expressa o desejo de possuir uma companheira e filhos.

Fica evidente, na questão 11, que questões relacionadas ao âmbito pessoal e profissional estão vinculadas às festas da igreja e ao seu desejo de se tornar pastor, talvez a possibilidade de reescrever sua história de outra maneira, dando outro significado ao abuso sexual que sofreu “pregando a palavra de Deus”. Na questão 4, lamenta: “se um dia ele deixar de ser crente e não honrar a palavra que eu tô falando”, demonstra temor em relação em não cumprir os preceitos em que acredita.

### Unidade de Análise Três

12. **A leitura** fui muito bem. Muita gente precisa ta (sic) na escola para aprender muitas coisas.
13. **Meu futuro** Vale a pena ter. É ser uma pessoa muito alegre e muito sorridente.
14. **Se os homens** não fizessem muitas coisas erradas seria um milagre e não fizesse muita coisa de errado ia ser uma alegria.
15. **O casamento** faz muito bem para a gente. É muito bom ter a mulher na cama e companhia.
16. **O sexo** faz muito bem para a mulher.
17. **Meu corpo** É muito legal para as mulheres porque elas gostam.
18. **Minha preocupação principal** Não ser muito bonito e não ter as mulher (sic) longe de casa como eu tinha.
19. **Desejo** É muito legal pensar em mulher e ter minha mulher e meu filho.
20. **Secretamente eu** não fico socegado (sic). Guardo a lembrança da minha mãe. Queria ta (sic) com minha mãe uma hora dessas.
21. **Eu não gosto** de cuidar de mulher que não gosta de mim.

### Análise Construtivo-interpretativa

O futuro aparece novamente associado há algo que “vale a pena” (questão 13) almejando ser uma pessoa alegre e sorridente, porém não parece não estar vinculado à sua concretização por meio dos estudos quando se refere à leitura “fui muito bem. Muita gente precisa ta (sic) na escola para aprender muitas coisas” (questão 12). Nesse bloco do complemento de frases, não faz referências de que ele precise de tal recurso. Mesmo em momentos anteriores, expressa sua vontade de estudar, talvez sabendo que é importante e não esteja motivado para os estudos nesse momento de sua vida.

Na questão 19, aparece novamente o desejo em ter uma mulher e um filho, e o sujeito sinaliza indicativos de sua sexualidade quando diz que “*é muito legal pensar em mulher*”.

A representação da figura masculina, questão 14, surge associada peremptoriamente a atitudes incorretas e pelas dificuldades do homem em acertá-las.

As representações acerca do casamento (questão 15) ressaltam uma erotização precoce pela referência que E.A. faz: “*É muito bom ter uma mulher na cama*”, que pode indicar que vivenciou experiências heterossexuais na pré-adolescência (se realmente aconteceu, como foi o sentido dessa experiência para E.A., após ter sofrido abuso sexual). Na questão 16, o sexo “*faz muito bem a mulher*”, o sujeito E.A. não se inclui como beneficiário de tal prática, como também, na questão 17, a representação da auto-imagem corporal está diretamente relacionada com a aceitação feminina da sua imagem corporal, ocupando uma posição de objeto e não de ‘sujeito’. Possivelmente ele não escolhe e deve ser escolhido pelos parceiros sexuais.

Observam-se indícios (das conseqüências do abuso sexual que coloca a vítima em uma posição subjugada). O abuso sexual inverte/anula a identidade da pessoa da vítima, anula seu corpo”. Na interação com ‘o outro’ foi a maneira como aprendeu a relacionar-se, associado também a violência que viveu.

E.A. afirma que sua preocupação principal é a de não ser bonito para satisfazer as mulheres e mantê-las perto delas (questão 18). Aparecem indícios de alguma experiência em que E.A. ofereceu mais do que recebeu a parceira quando diz: “*eu não gosto de cuidar da mulher que não gosta de mim*” (questão 21).

Na questão 20, novamente aparece a melancolia relacionada às lembranças de sua mãe. A vontade de estar freqüentemente junto a ela, demonstrando falta de superação da perda materna.

#### **Unidade de Análise Quatro**

**22. Meu maior problema** *se eu não for filho do meu pai.*

**23. Minha família** *É legal! Elas me ajuda (sic).*

**24. Amo** *minha mãe, meu pai, todo mundo!*

**25. Minha principal ambição** *ser uma pessoa na vida: ser trabalhador, formar e entrar no quartel.*

**26. Em relação aos trabalhos domésticos, cabe a mim limpar o chão, lavar o fogão, a geladeira. E lavo as minhas roupas.**

**27. Eu posso contar meu avô, meu tio. Da (sic) conselho bom.**

**28. Meu principal problema é perder meu avô.**

**29. Meus amigos acham que eu sou uma pessoa chata mas eu não ligo para isso.**

**30. Eu acredito que minhas melhores atitudes É ter meus filhos e minha mulher.**

**31. A felicidade é bom para quem precisa.**

### **Análise Construtivo-interpretativa**

O sujeito exprime outra vez que vez o impasse familiar em que se encontra depois da morte da mãe e pela situação familiar difícil que se complicará, de acordo com sua visão, se não for comprovada a paternidade do suposto pai. E talvez por estar em busca de soluções para seu drama familiar em que ele acaba se baseando em referenciais como “...*meu maior problema se eu não for filho do meu pai*”... (questão 22). Nas questões seguintes retrata essa realidade reafirmando esta perspectiva: “*Meu principal problema é perder o meu avô...*” (questão 28) e “...*eu posso contar com meu avô, meu tio. Dá conselho bom...*” (questão 27).

Seqüencialmente, ele expressa que suas melhores atitudes é ter seus filhos e sua mulher (questão 28). É possível que essa outra representação que o sujeito tem de si sugira uma solução que ele mesmo encontra para resolver seu conflito atual, e posteriormente, dar uma resposta social à sua família em relação à representação que eles possam ter a respeito do abuso sexual.

Pela primeira vez, o sujeito coloca-se na primeira pessoa e declara que sua maior ambição “*é ser uma pessoa na vida: ser trabalhador, formar e entrar no quartel*” (questão 25). Entretanto, a felicidade, na questão 31, aparece como algo bom para quem precisa, não ele. Infere-se que ele tenha passado por muitas dificuldades e que tenha desenvolvido um sentido para suportar tantas frustrações seqüencialmente na sua história de vida: o falecimento da mãe, a rejeição do pai, o abuso sexual e a decepção com o referencial religioso (o pastor), a competição com os irmãos

pela comida e dinheiro, a negligência do avô e dos familiares e a imprecisão quanto ao seu destino familiar.

Quando se refere à sua família, diz que ele a o ajuda e que ama sua mãe, seu pai, todo mundo! (questões 23 e 24). Quando se refere ao seu grupo social diz que seus amigos falam que ele é uma pessoa chata, mas que ele não liga para isso (questão 29)

Na questão 26, o sujeito declara que, em relação aos trabalhos domésticos, cabe a ele limpar o chão, lavar o fogão, a geladeira e as suas roupas, o que demonstra, como no segundo instrumento, que EA. não tenha muitas opções de lazer como os adolescentes nessa fase de desenvolvimento, pois ocupa a maior parte de seu tempo nessas atividades, e o que mais gosta de fazer” *é limpar o fogão*”.

#### **Unidade de Análise Cinco**

**32. Ser pai** *É muito legal para nós.*

**33. Meus sentimentos** *é ter sido um filho rebelde muito teimoso E não ter ido a igreja.*

**34. Diariamente me esforço** *Para ir pra Primeiro grau.*

**35. Sinto dificuldade** *para falar com meus amigos.*

**36. Ser homem** *é ser honesto com a mulher, filhos e com amigos.*

**37. Meus maiores desejos** *ter minha mulher!.*

**38. A morte** *é uma tristeza para a família.*

**39. Eu gosto** *muito de estudar por isso vale a pena, estudar.*

**40. Minhas aspirações** *são curso de medico. Ter uma família e ter uma mãe.*

**41. Meus estudos** *to me (sic) esforçando pra ter.*

#### **Análise Construtivo-interpretativa**

As representações acerca da paternidade envolvem o referencial muito importante de apoio para o sujeito E.A. (questão 32). E ser honesto com a mulher, filhos e com amigos constitui o conceito de “ser homem” para esse sujeito (questão 36).

Na questão 33, parece que o sujeito E.A. queixa-se em não ter sido um filho mais obediente com a mãe e ter freqüentado mais a igreja. Nesse contexto, associa a morte da mãe como uma tristeza para ele e toda a família (questão 38).

Nas questões 37 e 40, novamente seus desejos aparecem relacionados a ter uma companheira. Suas aspirações (questões 39, 40) refletem o desejo de ter uma família, uma mãe; e a conclusão do primeiro grau que lhe possibilitaria, por meio do curso de médico, ajudar aos que necessitam. Também envolvem reconhecimento de que os estudos são importantes para enriquecimento pessoal em conflito à convicção de que a concretização desse sonho é difícil e, diante disso, empenha-se no esforço para ir para o primeiro grau (questão 34).

#### **Unidade de Análise Seis**

**42. Luto** pra passar de ano. Batalhar pra quando eu cresce (sic) entrar no quartel.

**43. Com freqüência sinto** falta da minha mãe.

**44. O passado** É uma tristeza que nem da pra falar.

**45. Ser mãe** deve ser legal para quem sabe. Se esforça, cuida do filho bem, ser uma boa mãe.

**46. Minha vida futura** Ah! Não sei não.

**47. Farei o possível para conseguir** minha liberdade, sair para onde quiser ir ao shopping.

**48. Com freqüência reflito** a noite e oro muito pra minha mãe.

**49. Esperam que eu** seja um bom menino.

**50. Dedico a maior parte do meu tempo** arrumar a casa.

**51. A sexualidade** é namoro.

#### **Análise Construtivo-interpretativa**

Neste trecho do questionário, a dificuldade pessoal em passar de ano na escola e o desejo de quando crescer entrar para o quartel aparecem como uma das principais metas do sujeito E.A.

(questão 42) como também o desejo de liberdade para ir onde quiser e da boa convivência com todos que o cercam (questões 47, 49). Também a preocupação em ser um bom menino para corresponder às expectativas dos familiares dedicando seu maior tempo em arrumar a casa (questões 49, 50). Talvez essas representações estejam relacionadas ao receio de não decepcionar aqueles a quem estima. Outros sentimentos relacionados ao futuro são a tristeza e a frustração de sonhos e metas ainda não realizadas (questão 46).

As representações que o sujeito tem do que é “ser uma boa mãe” estão associadas ao esforço materno e os cuidados com o filho (questão 45) e reafirmam a hipótese de que o sujeito tem uma forte ligação afetiva com sua mãe e demonstra não ter superado o falecimento desta. Confirmando a hipótese, na questão 43, “... *com frequência sinto falta da minha mãe*” e ,na questão 48, quando diz que com frequência reflito *e oro para minha mãe.*”

O passado parece envolver representações negativas descritas como “... *uma tristeza que nem da pra falar ...*” (questão 44).

Sob o ponto de vista do sujeito, a sexualidade é representada como namoro. Isso reflete a sua imaturidade e o desconhecimento com referência a esses referenciais (questão 51).

### **Unidade de Análise Sete**

**52. Esforço-me para pegar uma mulher!**

**53. Ter filhos é muito bom. Mulher é que sabe.**

**54. Ser pastor é a coisa mais legal. É uma coisa que eu queria na minha vida.**

**55. Meus irmãos é gente boa pra eles!**

**56. Penso que os outros me despreza (sic) muito.**

**57. O lar doce mel! Que os cara (sic) gosta de falar com as mulheres.**

**58. Incomodam-me muito lá na escola que eu não consigo (sic) escreve e muitas coisas: tristeza e a paixão por uma mulher.**

**59. Ao me deitar eu penso muito na minha mãe.**

**60. Os homens faz (sic) muitas coisas (sic) errada. Despreza (sic) muito as mulheres. Briga (sic) com as mulheres.**

**61. As pessoas a maioria são muito legal (sic)! Outras fica (sic) doidão, fuma (sic) maconha!E chega doidão em casa.**

### **Análise Construtivo-interpretativa**

Para o sujeito E.A., faz parte de seu esforço “pegar uma mulher” e isso constitui o conceito de sua subjetividade socialmente configurada no meio cultural de seus pares na adolescência (questão 52). Esse aspecto se reflete também na questão 57, quando se refere à maneira como eles se referem às mulheres para a conquista afetiva.

O fato de explicitar que os homens fazem muitas coisas erradas e desprezam as mulheres que deveriam esquecer mais de si e doar-se mais aos outros parece estar relacionado à tendência do sujeito de estabelecer relações unilaterais (questão 60). Nesse contexto, em relação ao grupo social do sujeito fica evidente ameaça das drogas quando ele diz que “*as pessoas são muito legal (sic)! Outras nem tanto... “ficam doidão (sic), fuma (sic) maconha! E chega doidão em casa”* (questão 61). As redes sociais do sujeito parecem estar bem comprometidas com essas práticas de uso de entorpecentes e de bebida alcoólica.

Em relação aos irmãos, na questão 55, diferentemente de outras situações ele expressa como se sente em relação a eles: “... *meus irmãos é gente boa pra eles!* E na questão 56 isso fica evidente, quando traz “*penso que os outros me despreza muito!*”. Em outros instrumentos E.A. deixa claro que seus irmãos o excluem dentro de casa e chegam até não oferecer comida a ele.

O sujeito expressa pensar muito em sua mãe como já ficou patente em questões anteriores. A mãe significa umas das maiores alegrias de sua vida (questão 01). E ser pastor evangélico constitui uma importante mete na vida do sujeito (questão 54).

O sujeito deixa claro que as dificuldades escolares o incomodam, fazendo-o ficar triste, podem estar relacionadas sua a dificuldade diante dos problemas que enfrenta; como a sua tristeza pessoal e as conseqüências que pode acarretar a paixão por uma mulher (questão 58)

### **Unidade de Análise Oito**

**62. Uma mãe ajuda os filhos, não deixa passar necessidade e jamais deixa um filho só!**

- 63. A religião**  muito desonesto, por que deixava ela só. Os cara (sic) pegava o dinheiro dela, bebia com ela!
- 64. Os filhos**  às vezes são legais , às vezes não!
- 65. Quando era criança**  eu mamava muito, né, no peito da minha mãe.
- 66. Quando tenho dúvidas**  pergunto pra o meu tio Al. e pra professora.
- 67. Ser mulher**  Eu não sou o que dizem.
- 68. No futuro**  terei muitas coisas boas.
- 69. Minha maior decepção**  quando os caras batia (sic) na minha mãe.
- 70. Em relação ao que eu vivi**  é muito ruim! Muitos caras ameaçava (sic) me matar! Quebrou uma vez o vidro na minha mão.
- 71. Meu maior prazer**  é ser uma pessoa na vida.

### **Análise Construtivo-interpretativa**

A representação da maternidade envolve colaboração, sacrifícios e renúncias em prol da felicidade dos filhos (questão 62). E também a representação do gênero feminino envolve a idéia de não permitir que os filhos fiquem sozinhos e passem necessidades primárias (questão 67). O que se pode deduzir é que E.A. esteja realmente passado por privações em relação aos cuidados básicos, algo que ele afirma que sua com a mãe não deixaria acontecer.

Parece que a infância do sujeito foi envolvida por cuidados maternos e amamentação que retratam a relação do E.A. com sua mãe (questão 65). Suas aspirações futuras estão relacionadas a conquistas de boas coisas (questão 68) e “...*ser uma pessoa na vida*”(questão 71).

Na questão 63, em relação ao passado demonstra ter sido bastante difícil quando descreve que os companheiros de sua mãe bebiam com ela e pegavam todo o seu dinheiro. Isso complementa essa idéia na questão 70, quando diz que foi muito ruim em relação ao que viveu, descrevendo também que os companheiros de sua mãe ameaçavam matá-lo (uma vez até quebraram o vidro em sua mão). Na questão 69, demonstra que presenciou situações de violência familiar quando relata que sua maior decepção foi quando os companheiros de sua mãe batiam nela.

No complemento de frases 67, o sujeito expressa um conflito quando descreve: “*ser mulher não sou o que dizem*”, pode indicar que EA. esteja passando por momentos difíceis em relação ao abuso sexual que sofreu. Pode ser indício de que as pessoas que sabem o que eu aconteceu com ele tenham atitudes inadequadas em relação à identidade de gênero do sujeito, por meio de brincadeiras e zombarias.

Em momentos de dúvidas e angústias o sujeito demonstra pedir ajuda ao tio Al. e à professora para que suas decisões sejam mais acertadas (questões 66).

### **Unidade de Análise Oito**

**72. Minha vida é importante pra mim! Só a minha mãe!**

**73. Quando estou sozinho me sinto mal! Pode acontecer alguma coisa! Passar mal e aí não tem como levar pro hospital!**

**74. Meu maior medo de coma!**

**75. Estou em casa com meus irmãos.**

**76. Se o resultado do exame der certo eu vou ficar muito alegre.**

**77. Deprimo-me quando, quando lembro da minha mãe.**

**78. A profissão é ser uma trabalhador.**

**79. Meus amigos acho que são legais . Só pra brincar!**

**80. Meu grupo minha turma da escola.**

**81. Se eu pudesse nascer do novo!....não , não, minha mãe não voltaria!**

### **Análise Construtivo-interpretativa**

Para o sujeito E.A., quando está sozinho sente-se mal (questão 73), pois ele sugere a possibilidade que algum de seus familiares venha a passar mal e vir a falecer como sua mãe Essa idéia aparece novamente na questão 74: “*meu maior medo é de coma!*”. Sua mãe morreu por parada cardiovascular e ficou em coma durante algum tempo, entre a vida e a morte. É possível que o sujeito que já possa uma situação familiar bastante delicada e tema que sua vida se complique ainda mais, com a perda de seu avô ou com a perda de seu suposto pai.

Em relação à representação da figura paterna, ele idealiza o resultado do exame de DNA e apresenta bastante ansiedade e alegria se o resultado for positivo (questão 76).

O sujeito E.A. demonstra que a sua mãe foi uma referência importante em sua vida e mostra-se deprimido quando lembra dela ou quando relembra passagens de sua vida (questão 77). Parece que o grupo do sujeito E.A. é composto de poucos amigos da escola, que constituem relações superficiais, com momentos de descontração e brincadeiras (questões 79,80). A profissão parece oferecer um ideal a ser seguido em busca de seu futuro (questão 78), pois o sujeito demonstra ser solitário e tenta buscar saídas para sua carência afetiva quando expressa: *“Se eu pudesse nascer de novo!... não, não, minha mãe não voltaria!”* (questão 81).

### **3.10 Núcleos Temáticos**

O sujeito apresenta uma imagem positiva em relação à maternidade na medida em que atribui ao relacionamento com a mãe crescimento, alegria, prazer, dedicação. Além disso, outra significação percebida em seu cenário configuracional subjetivo destaca-se quando o adolescente E.A. vincula sempre sua mãe quando se refere aos acontecimentos de sua vida (ANEXO 1).

O adolescente não conseguiu superar: o falecimento de sua mãe. Os outros irmãos tiveram o apoio de seus genitores o que não aconteceu com ele, pois seu suposto pai somente o reconhecerá mediante a confirmação do exame de DNA. Possivelmente tal situação lhe cause desgastes emocionais e, que são indicados nas questões 44, 49, 50, 56, 58.

A família tem uma configuração subjetiva relacionada à proteção e, ao mesmo tempo, insegurança. E.A. não se incluiu no desenho e representou somente as pessoas que considera como sua família. Como não se desenhou como parte da família, supõe-se que E.A. não se sinta reconhecido por ela. Pressupõe-se também que E.A. não tenha alternativas de lazer e de brincadeiras típicas de sua idade pela própria condição financeira que limita suas opções. E quando se refere a privações alimentares, entende-se que suas necessidades básicas não estejam sendo atendidas, aspectos reforçados negativamente pelo fato de ser vitimizado por abuso sexual extrafamiliar.

Com relação à auto-imagem, a configuração do sujeito dá indícios de que esta área pode representar conflito, pois apareceu diversas vezes no segundo instrumento quando retratou o menino vestido e não quis pintá-lo. Verifica-se a dificuldade de E.A. em representar seu corpo e

entrar em contato com seus sentimentos devido ao abuso sexual que sofreu, pois além de se desenhar sempre vestido, em todos os desenhos que fez de si, o fez somente com roupas.

Outros sentidos e/ou significações importantes verificados na análise deste instrumento é a importância que a família de origem tem na vida do entrevistado (questões 1, 6, 7, 28, 38 e 74) e o medo que tem de perdê-la.

O cenário configuracional representativo do abuso sexual relata que expressa na questão 8, logo em seguida, que *"não posso ficar com medo de nada e nem ficar triste perto de mulher. Desistir das mulheres que existem no mundo"* Quando escreve: *"desistir das mulheres do mundo"* pode sugerir que o sujeito em questão tenha realmente conflitos quanto a questão de identidade sexual, ou tenha tido decepções amorosas em relação a figura feminina. Estaria esse sentimento relacionado a algum evento, ou de alguma forma, às suas atribuições como mulher, ao seu relacionamento com o sexo masculino, ou em relação ao seu conceito de casamento, pois anteriormente expressa o desejo de possuir uma companheira e filhos.

O futuro, todavia, não parece não estar vinculado a sua concretização por meio dos estudos quando se refere à leitura: *"fui muito bem. Muita gente precisa tá na escola para aprender muitas coisas"* (questão 12). Nesse bloco do complemento de frases, não faz referências de que ele precise de tal recurso, mesmo em momentos anteriores, expressar sua vontade em estudar, talvez mesmo sabendo que seja importante, não esteja motivado para os estudos nesse momento de sua vida.

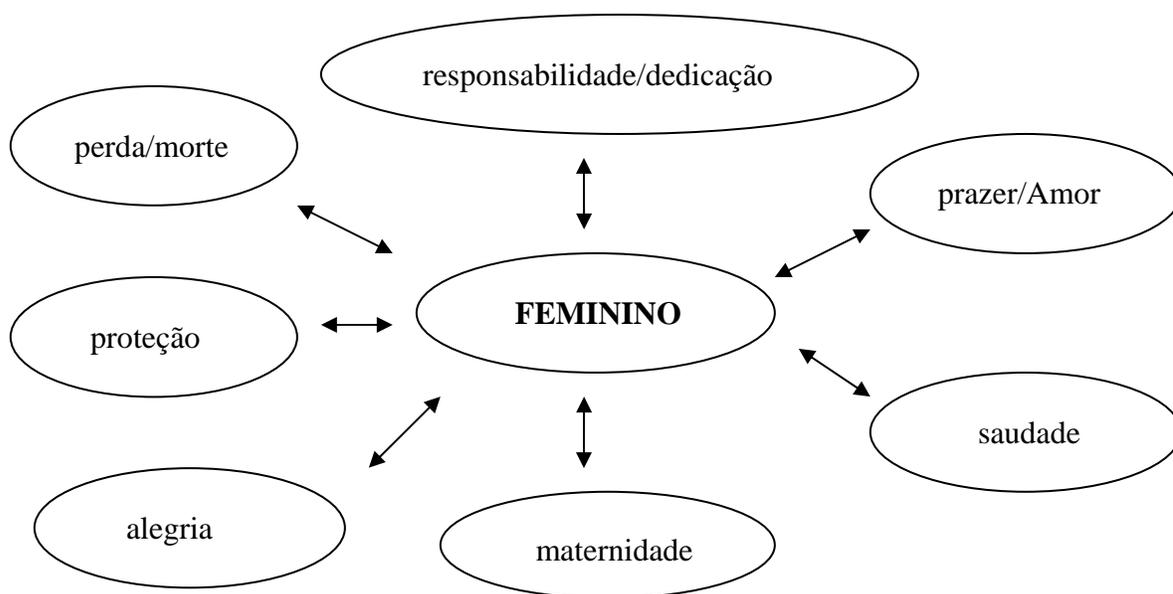
Segundo ao futuro apresenta-se sem muitas perspectivas a não ser quando relacionado aos projetos que busca a proteção materna de constituir novamente uma família, fazer curso de médico para ajudar as pessoas, e ser um religioso para pregar a palavra de Deus (questão 2). O desejo em ser pastor e pregar a palavra de Deus na questão 4, como aparece em instrumentos anteriores, ficando evidente, na questão 11, estão vinculadas talvez à possibilidade de reconstrução de significados em relação ao abuso sexual que sofreu *"pregando a palavra de Deus"*, exprime: *"se um dia ele deixar de ser crente e não honrar a palavra que eu to falando"*, demonstrando um certo temor em relação a não cumprir os preceitos em que acredita.

Conclui-se que ele tenha passado por muitas dificuldades e tenha que ter desenvolvido um significado subjetivo para suportar tantas frustrações sequencialmente na sua história de vida: o falecimento da mãe, a rejeição do pai, o abuso sexual e a decepção com o pastor, a competição

com os irmãos pela comida e dinheiro, negligência do avô e familiares, e a imprecisão quanto ao seu destino familiar.

### 3.11 Configuração do Cenário Subjetivo Relacionado do Sujeito Pesquisado

#### 3.11.1 Configuração da Subjetividade Relacionada à Figura Feminina



Essa configuração indica que o sujeito possui uma identificação positiva com relação à figura feminina, pois apesar de demonstra em sua fala saudade e insuperação da perda devido à morte de sua mãe, esta figura representa de carinho e amor, responsabilidade com os filhos, proteção, e constituem sentidos subjetivos importantes para a superação de conflitos atuais. Tendências motivacionais em relação a sua vida estão a ter novamente a mãe e constituir uma família.

**Alegria/prazer:** O sujeito E.A. refere-se à felicidade, quando diz que **o tempo mais feliz era o tempo** de criança (questão 2), porém pode ser indício de certa nostalgia e saudade da infância e uma insatisfação com o tempo presente.

**Perda /morte:** “**A morte é uma tristeza para a família.**” As tristezas envolvem a perda de referenciais importantes em sua vida. O convívio com a mãe e a separação da mesma; e a possibilidade da perda da convivência ou falecimento de outros familiares (questões 6).

**Responsabilidade/dedicação:** E.A. refere-se à mãe sempre de uma maneira carinhosa. As representações de “ser uma boa mãe” estão associadas ao esforço materno e os cuidados com o filho (questão 45, 62) e reafirmam a hipótese de que o sujeito tem uma forte ligação afetiva com sua mãe e demonstra não ter superado o falecimento desta. Confirmando a hipótese na questão

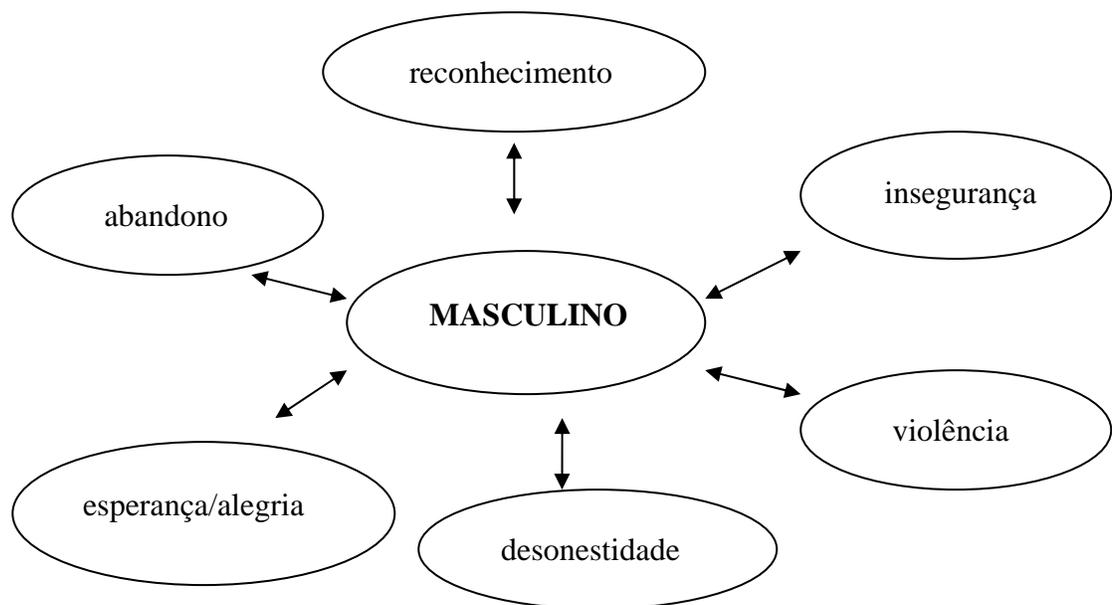
43,”... **com freqüência sinto falta da minha mãe**” e na questão 48, quando diz que **com freqüência reflito e oro para minha mãe.**”

**Amor:** “**Amo minha mãe, meu pai, todo mundo!**”. Sua mãe representa uma ligação importante na vida do sujeito. **Minha vida é importante pra mim! Só a minha mãe!** (questão 72)... **Se eu pudesse nascer do novo!...Não, não, minha mãe não voltaria!** (questão 81).

**Maternidade:** A representação da maternidade envolve colaboração, sacrifícios e renúncias em prol da felicidade dos filhos (questão 62). E também a representação do gênero feminino envolve a idéia de não permitir os filhos fiquem sozinhos e passem necessidades primárias (questão 67). Pode-se verificar que a infância do sujeito foi envolvida por cuidados maternos e amamentação que retratam a relação do E.A. com sua mãe (questão 65).

**Saudade:** O sujeito E.A. demonstra que a sua mãe foi uma referência importante em sua vida e mostra-se deprimido quando lembra dela, ou quando relembra passagens de sua vida (questão 77). **Secretamente eu não fico socegado (sic). Guardo a lembrança da minha mãe. Queria ta (sic) com minha mãe uma hora dessas.**

### 3.11.2 Configuração da Subjetividade Relacionada à Figura Masculina



Esta configuração retrata que o sujeito busca reconhecimento e aprovação de seu suposto pai, mas esta busca é marcada por vários sentidos que E.A. tenta construir a partir do referencial que está vivendo.

**Reconhecimento:** Na questão 9, em relação à escolha de gênero, as representações do masculino parecem estar associadas à tentativa de reconhecimento e aprovação por parte de seu pai, pelo fato de ser de sexo masculino.

**Abandono:** *Ter uma mãe, uma irmã e um pai. Ter uma família* (questão 2) constitui os maiores propósitos de E.A. no momento estabelecer uma família novamente e sentir-se reconhecido como membro familiar, hipótese que surgiu desde o primeiro instrumento.

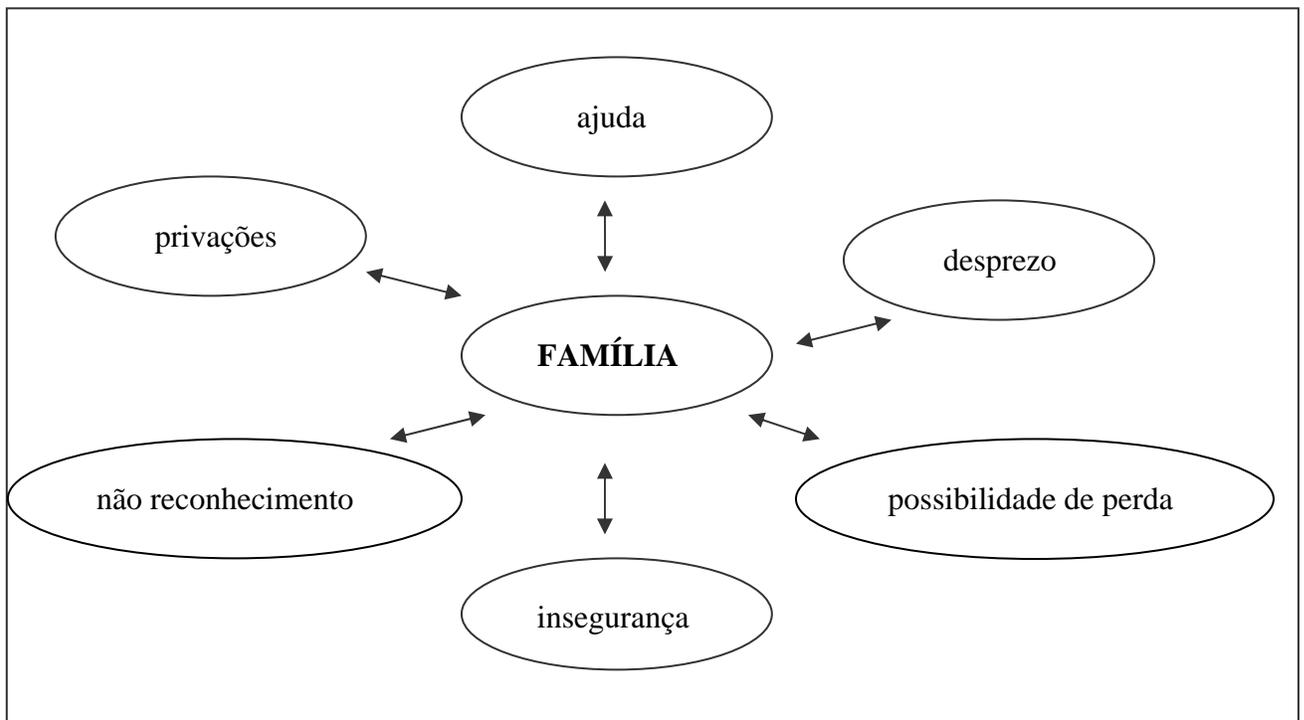
**Insegurança:** *Meu maior problema se eu não for filho do meu pai* (questão 22). Se ele não for filho segundo o exame de DNA, mas o sujeito já se considera ‘filho de seu pai’.

**Esperança/alegria:** *Se o resultado do exame der certo eu vou ficar muito alegre* (questão 76). E entre as coisas que mais gostaria de saber está relacionado “*ao resultado do exame de DNA*” (frase 3) que poderá definir a sua situação familiar em relação à posse e guarda do menor.

**Desonesto:** *Ser homem é ser honesto com a mulher, filhos e com amigos* (questão 36). O sujeito acredita que seu pai não foi honesto com sua mãe por não reconhecê-lo como filho

**Violência:** *Minha maior decepção quando os caras batia (sic) na minha mãe* (questão 69) e na questão 70. *Em relação ao que eu vivi é muito ruim! Muitos caras ameaçava (sic) me matar! Quebrou uma vez, o vidro na minha mão.* Retrata a violência doméstica que E.A. viveu em sua história de vida ao lado de sua mãe.

### 3.11.3 Configuração da Subjetividade Relacionada à Família



A configuração subjetiva relacionada à família apresenta-se estruturada de forma que o resultado do exame depende também deste. O sujeito está buscando na família ainda como uma fonte de ajuda. No entanto, ele não se sente reconhecido como membro familiar. A família tem uma configuração subjetiva relacionada ao sucesso, prazer e relata que está batalhando para isso.

**Privações:** O que E.A. gosta de fazer é jantar, atividades domésticas diárias como limpar a casa, lavar a louça e limpar o fogão. E que apresenta privações alimentares quando expressa que mais gosta de fazer em primeiro lugar é jantar. Pressupõe-se que suas necessidades básicas não estejam sendo atendidas como alimentação, afeto, higiene e moradia apropriada, aspectos que o levaram a ser vitimizado pelo abuso sexual extrafamiliar, que começou com uma negligência familiar e culminou na situação de abuso sexual.

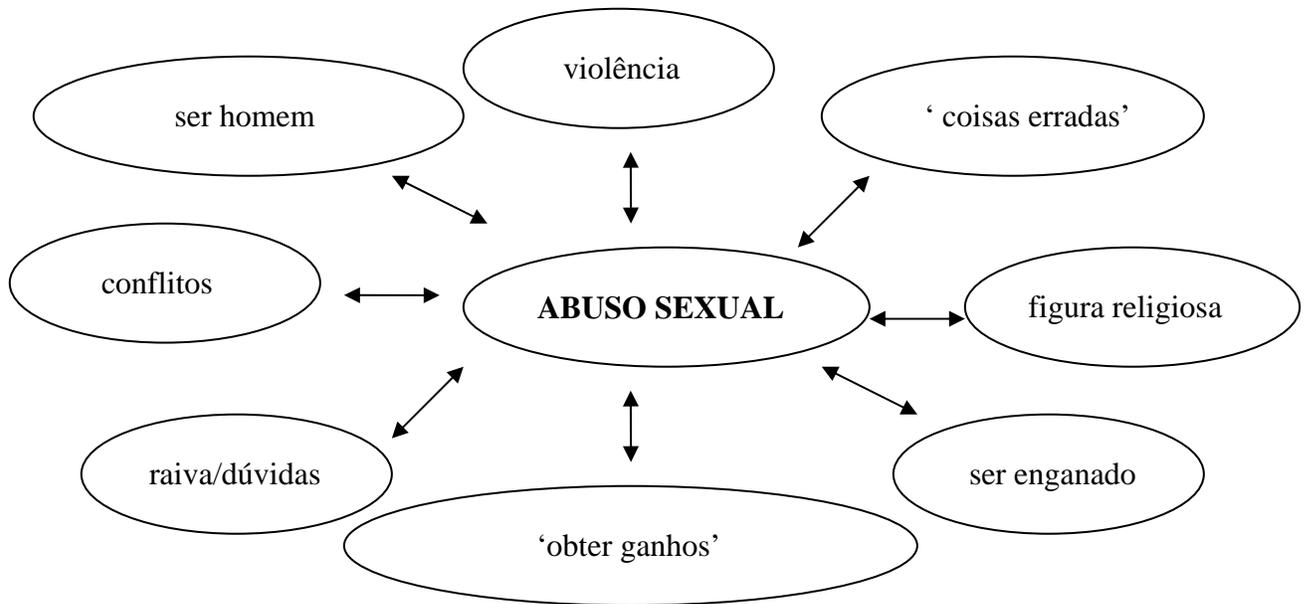
**Não-reconhecimento:** Quando fez o desenho da família E.A. não se incluiu no desenho e representou somente as pessoas que considera como sua família. Como não se desenhou com sendo parte da família, supõe-se que E.A. não se sinta reconhecido como membro de sua família.

**Insegurança:** E um *respeitar as pessoas e ficar “vagabundando na rua”*, por aí pela rua andando por aí e fazendo “coisa errada”. **Penso que os outros me despreza muito**, na questão 56.

**Possibilidade de perda:** Verifica-se também nas questões quando se refere aos familiares: **Quando estou sozinho me sinto mal! Pode acontecer alguma coisa! Passar mal e aí não tem como levar pro hospital** (questão 73).

**Ajuda: Minha família É legal! Elas me ajuda (sic)**, na questão 23. E nas questões seguintes retrata essa realidade reafirmando esta perspectiva: “... **Meu principal problema é perder o meu avô...**” (questão 28) e “... *eu posso contar com meu avô, meu tio. Dá conselho bom...*” (questão 27).

### 3.11.4 Configuração da Subjetividade Relacionada ao Abuso Sexual



**Ser homem:** *é ser honesto com a mulher, filhos e com amigos* ( questão36). A representação da figura masculina, questão 14, surge associada peremptoriamente a atitudes incorretas pelas dificuldades em acertá-las. Quando descreve: **Os homens faz muitas coisas (sic) errada. Despreza (sic) muito as mulheres. Briga (sic) com as mulheres** está implícito que deveriam esquecer-se de si e doar-se mais aos outros, parece que o sujeito tende a estabelecer relações unilaterais (questão 60).

**‘ Coisas erradas’:** O sujeito refere-se também ao relacionamento sexual de adultos com crianças em que relatou durante as entrevistas. (questão 14).

**Ser enganado:** O sujeito sentiu-se enganado pela pessoa que representava o referencial religioso (questão 14).

**Raiva/dúvidas:** Falta de perspectiva em relação ao futuro reportando-se sempre ao passado quando estava em companhia da mãe, ou quando morava com o pai. Verifica-se a ausência de referências parentais. As situações de abuso o deixaram ainda mais confuso e perdido pela possibilidade da associação da sexualidade à violência que sofreu.

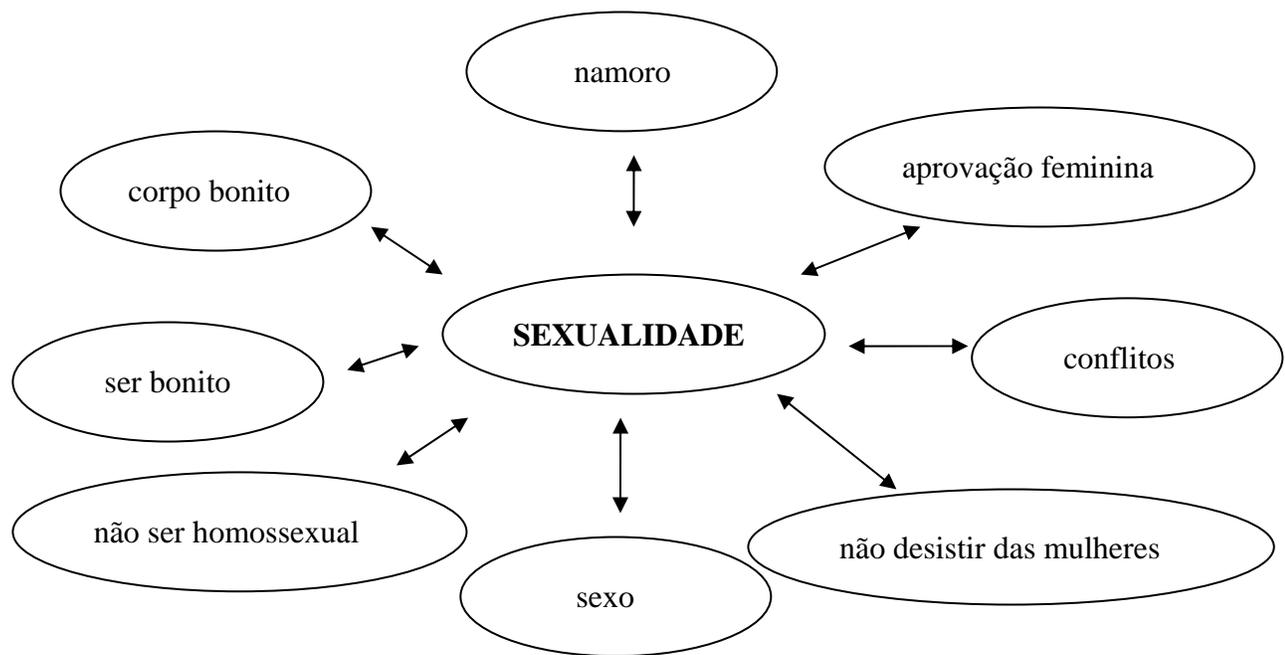
**Figura religiosa:** Para o sujeito, ser pastor pode significar a reconstrução de sua experiência com outro viés, por meio da religiosidade resignar-se, e reescrever sua história como sujeito, uma vez que foi abusado sexualmente por um pastor.

**Obter ganhos:** Sugere-se que as condições econômicas estabeleçam uma configuração que não determina a situação de abuso, porém facilita sua prática e manutenção.

**Violência:** Dificuldade de EA. em representar seu corpo e entrar em contato com seus sentimentos em relação ao abuso sexual que sofreu, pois além de se desenhar sempre vestido, em todos os desenhos que fez de si, não pintando a figura humana e somente suas roupas.

**Conflitos: Ser mulher** *Eu (sic) não sou o que dizem* (questão 67) reflete seu conflito pessoal em relação à identidade de gênero.

### 3.11.5 Configuração da Subjetividade Relacionada à Sexualidade



O cenário configuracional representativo da sexualidade dá indícios de que esta área representa conflito para o sujeito. Em conversas informais, relata que ele e não compartilhavam com as preferências homossexuais do pastor, e o mesmo sempre o recomendava para que ele não procurasse meninas de sua idade. Todavia, também disse que vive com o fantasma da fantasia homossexual devido à experiência em que viveu.

**Sexo:** Nas questões 15 e 16 (do complemento) ressaltam uma erotização precoce pela referência que E.A. faz: “*É muito bom ter uma mulher na cama*”, que pode indicar que vivenciou experiências heterossexuais na pré-adolescência. Na questão 16, o sexo “*faz muito bem a mulher*”, o sujeito E.A. não se inclui como beneficiário de tal prática.

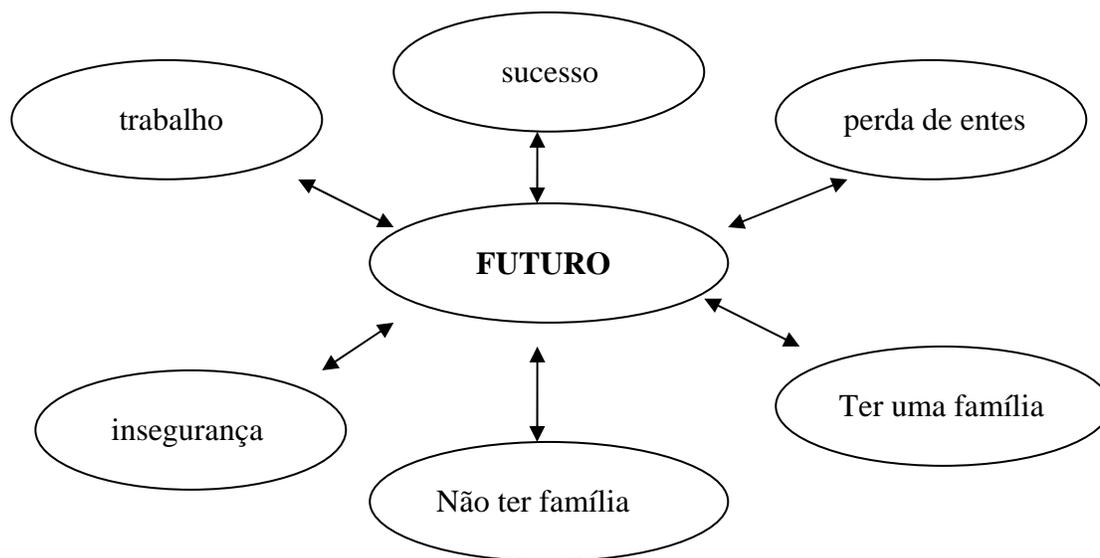
**Aprovação feminina/corpo bonito:** na questão 17, a representação da auto-imagem corporal está diretamente relacionada com a aceitação feminina da sua imagem corporal, ocupando uma

posição de objeto e não de 'sujeito'. Possivelmente ele não escolhe e deve ser escolhido pelos parceiros sexuais.

**Namoro:** quando escreve... **A sexualidade é namoro.** (questão 51) reafirma a hipótese que ele tenha outras experiências heterossexuais com o sexo oposto.

**Conflitos:** Na questão 9, em relação à escolha de gênero parecem estar associadas à tentativa de reconhecimento e aprovação por parte de seu pai, pelo fato de ser de sexo masculino. Interpretou a camisinha como sendo uma 'opção de sexo' (entendeu que a pergunta estava relacionada a isso). Questões de gênero seriam para o sujeito E.A. um foco ansiogênico, de uma série de conflitos, pois interpretou a heterossexualidade, como uma opção socialmente mais aceitável.

### 3.11.6 Configuração da Subjetividade Relacionada a Perspectivas Futuras



**Trabalho/Sucesso:** o futuro apresenta-se obscuro e impreciso, (e isso poderia estar relacionado com a qualidade de vida que teve, e que pode ter piorado após o falecimento de sua mãe pelas condições financeiras da família), baseando-se apenas na busca de amor e carinho materno de constituir novamente uma família, fazer curso de médico para ajudar as pessoas, e às práticas religiosas

**Insegurança:** insegurança de EA. em relação à sua condição familiar atual (questões 6, 8) expressando certa nostalgia e, novamente a saudade da infância. Na questão 8 (do complemento) também aparecem sentimentos associados ao desejo de ter uma mãe e uma companheira.

**Perda de entes: Meu maior medo** de coma! Na questão 74, denota o temor em ficar realmente sozinho, pois sua mãe faleceu e não é reconhecido pelo pai, como também na questão 28: **“Meu**

**principal problema** *é perder meu avô.*”, pois por mais que seja aversivo o ambiente familiar é o único que ele possui.

**Ter uma família/ Não ter família:** e a preocupação em ser um bom menino para corresponder as expectativas dos familiares dedicando seu maior tempo em arrumar a casa (questões 49, 50). E na questão 55: “... meus irmãos é gente boa pra eles! E na questão 56 isso fica evidente, quando traz *“penso que os outros me despreza (sic) muito!”*. Em outros instrumentos E.A. deixa claro que seus irmãos o excluem dentro de casa chegando até não oferecer comida e ele. O que pode-se verificar que E.A. esteja realmente passado por privações em relação aos cuidados básicos algo que ele afirma que sua com a mãe não o deixaria acontecer.

## CONCLUSÃO

Constará das considerações finais uma síntese crítica sobre o tema investigado na pesquisa, relacionando-a às conclusões aferidas no decorrer das entrevistas com o sujeito E.A. e com membros de sua família.

Durante as entrevistas, percebeu-se a existência de aspectos subjetivos e psicológicos relacionados ao abuso sexual, presentes tanto na subjetividade individual quanto na social (simbolicamente compartilhados). Entre eles, destacam-se o abuso sexual associado relacionado a um evento traumático. Também ressaltam as questões relacionadas ao amor pela mãe e à insuperação pelo falecimento dela; à negligência dos aos membros familiares em relação ao sujeito; ao isolamento familiar; à dificuldade de representar seu corpo e expressar seus sentimentos após o abuso sexual; à crença de ser pastor uma oportunidade de designação espiritual; à sexualidade relacionada ao conflito de gêneros; e a pensamentos recorrentes sobre a perda da mãe; e ao temor da perda de outros membros familiares.

Também foi possível constatar, por meio de conversações, que o sujeito tem conhecimento suficiente sobre abuso sexual e possui informações relativos a esse tema externando, porém, muitas vezes, informações contraditórias e do senso comum. Esse é um aspecto que está relacionado às representações sociais do abuso sexual. Dúvidas a respeito como o assunto é comumente abordado pelos familiares e amigos, incertezas deixadas pelas marcas da experiência do abuso sexual e a condição emocional são empecilhos ao tratamento.

Assim, a partir das construções interpretativas com base nos dados e processo relacional entre pesquisador e pesquisado, a referida pesquisadora ousa a fazer as seguintes hipóteses:

As representações que o sujeito tem a respeito de si depois do abuso que sofreu estão relacionadas à cultura familiar e ao conflito de gênero que experimenta nesse momento de vida entre as novas experiências sexuais da pré-adolescência e a fantasia homossexual que vivencia devido ao abuso que sofreu.

O impacto de sentido subjetivo após ter sofrido o abuso configura-se mais intensamente com a entrada da adolescência, e não quando o sofreu o abuso sexual. Há que se ajudar o sujeito a buscar o sentido que também procura para a reconstrução de significados de sua experiência e

poder ir mais adiante para, quando adulto, poder fazer sua opção sexual com mais autonomia como sujeito.

O presente estudo confirma que o adolescente sofreu abuso sexual e ainda descreve com detalhes as relações que mantinha com o abusador.

Verificou-se que as baixas condições socioeconômicas da família não determinaram, mas sim promoveram intensificadamente uma situação de negligência familiar que propiciou o abuso sexual. A família nesse sentido, pelas condições econômicas que possui, acabou por desproteger o adolescente. Configura-se aqui, mais ainda que a situação de abuso que E.A. sofreu uma revitimização do adolescente por parte de sua própria família que manteve as condições para que abuso sexual em relação ao adolescente continue acontecer, quando não atende às suas necessidades de suprimento básicos como a alimentação, moradia, proteção, e afeto.

Sem buscar culpados para esse processo, responsabilizam-se os familiares do sujeito, o qual é dependente estruturalmente, que também são vítimas do sistema político, da cultura de massas e do senso comum. Assim buscou-se orientar a família e atuar nas prevenções primária, secundária, terciária, a fim de propiciar ao adolescente saúde mental. E fazer esclarecimentos a família à respeito de todo o processo que o sujeito em questão sofreu.

E.A., de paternidade não reconhecida, órfão de mãe, que sofreu episódios de violência sexual, tem apresentado sofrimento psíquico em decorrência da morte da mãe, intensificado pelo abuso sexual. Ele experienciou situações bastante traumáticas em decorrência do abuso sexual vinculada à promiscuidade, exploração sexual infantil e desamparo aprendido. Ser reconhecido não só juridicamente, mas afetivamente por seu pai, é essencial para o fortalecimento de sua vida psíquica como sujeito e para resignificação de seus valores ligados à família, associados à proteção à infância e à adolescência.

O enfrentamento da questão do abuso sexual tende a repetir formas bastante tradicionais e ineficazes de “recuperação” das crianças e adolescentes abusados sexualmente. Há necessidade de se buscar novas estratégias, novos tipos de mecanismos do ponto de vista psicossocial, cultural e de sobrevivência, que contribuam realmente para a inclusão social, como, por exemplo, na ênfase às políticas sociais e ao acesso a elas. Devem ser adotadas outras formas de enfrentamento que não revitimizem crianças e adolescentes: ações mais efetivas e eficazes de prevenção, denúncia e combate à violência sexual, evitando o moralismo, por meio da conscientização de

pais, familiares, profissionais, mídia e sociedade sobre os riscos e conseqüências de ações de erotização precoce de crianças e de libertinagem e promiscuidade sexuais.

No processo do abuso sexual dos indivíduos deve ser considerada também a violência como fator social, pois se caracteriza pelas relações dos homens com a natureza e com outros homens em um determinado contexto histórico.

A Psicologia busca referências baseadas em três pilares integrativos: o indivíduo, a família e o contexto em que está inserido; reconhecendo a interdependência e a inter-relação entre eles.

O abuso sexual deve ser entendido como um fenômeno multideterminado e, para ser compreendido, deve ser estudado a partir de seus fatores antecedentes, onde e como ocorreram o abuso, os comportamentos familiares, os impactos da história de vida e as condições atuais dentro do contexto social. (Padilha, 2002)

O papel do psicólogo é intervir para que o indivíduo compreenda a si mesmo. Seu olhar e escuta são insubstituíveis, consistem suas ações em fazer avaliação diagnóstica, a partir de uma macroanálise para compreender em que contextos esse comportamento ocorre. Também é importante o acolhimento e entrevista da vítima, entrevista com a família, observação dos sintomas e comportamentos. Em suma, facilitar a promoção à saúde, garantindo os direitos fundamentais dos indivíduos, visando à sua saúde mental.

A conceituação de violência trazida pela pesquisa representa síntese e continuidade do trabalho de pesquisadores de trabalhar o abuso sexual sob o ponto de vista do poder. Outra dimensão que o conceito traz é o cultural, (valores, machismo), além da dimensão dos direitos humanos, que é um padrão civilizatório.

Neste sentido, o abuso sexual tem de ser considerado mais social (construído) do que psicológico, e ser trabalhado no contexto da violência social. Conceitualmente a violência tem de ser pesquisada como uma forma de relação e de resolução de conflitos (psicológicos, familiares, culturais, sociais).

O que explica, de certa forma, a proliferação de conceitos (e uma aparente confusão) sobre o tema, que revela buscas e pode ser muito saudável. Há que se pesquisar, por exemplo, as diferenças conceituais de violência/abuso sexual; violência doméstica / violência intrafamiliar; exploração/prostituição; pedofilia/homossexualismo.

Qualquer tipo de violência aniquila a vida psíquica, pois implica prejuízos e danos à saúde, aos desenvolvimentos físico, psicológico, sexual e social que ficam impressos no sujeito para o resto da vida. Por isso, a recomposição após a violência, por meio do tratamento psicoterápico, é de suma importância, tanto para a vítima quanto para o agressor.

A violência é a ação ou omissão destinada a prejudicar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outras pessoas, por meio de intimidação, rejeição, depreciação, discriminação, manipulação, ameaça, direta ou indireta, humilhação, isolamento, desrespeito e punições exageradas ou qualquer outra conduta que implique prejuízo e danos aos aspectos psicológicos e aos desenvolvimentos físico, sexual e social.

Trata-se de circunstância em que a pessoa impõe seu poder sobre outra, por intermédio de meios persuasivos e coativos visando, mesmo que de maneira irrefletida, à destruição do outro. Portanto, é entendida como um processo, e não como um ato isolado.

Apesar de ocorrer de forma silenciosa, dissimulada, camuflada pela sutileza das relações familiares e pelos relacionamentos interpessoais que causam sofrimento, existem outras maneiras de identificá-la, tais como: alteração no comportamento da criança e do adolescente; manifestações de doenças alérgicas, auto-imunes; obesidade, distúrbios do sono, depressão, medos, dificuldades comportamentais, ou mesmo, tentativa de suicídio.

Diante de uma suspeita ou confirmação de violência ou acidente contra a criança ou o adolescente, várias condutas deverão ser tomadas, considerando sempre o aspecto multidimensional da violência. É preciso olhar para a criança e o adolescente visando a minimizar os efeitos da violência sofrida, com respeito, por meio da escuta terapêutica, visando à sua saúde física e psicológica. O objetivo será sempre o de eliminar ou modificar padrões de comportamentos inadequados existentes; de interceder nesses padrões perturbadores de conduta para promover crescimento e desenvolvimento positivos da vida.

Um dos principais obstáculos ao combate à violência sexual contra crianças e adolescentes é a ocultação e o silêncio que encobrem o que ocorre, principalmente no âmbito familiar e doméstico. Identificam-se acordos e pactos, não só familiares, como comunitários e societários, que formam verdadeiras redes de convivência e de proteção dos violentadores, da família, de homens abusadores e/ou consumidores do sexo infanto-juvenil. E que funcionam como instituidoras de regras sociais permissivas e legitimadoras dessa violência. Esta realidade,

embora identificada, não foi ainda estudada em profundidade e nem compreendida em toda sua complexidade.

Além de estudos e pesquisas antropológicas e sociológicas sobre este tema é indispensável a construção de redes de apoio e de proteção das crianças e dos adolescentes contra a violência sexual. Redes sociais de denúncia, de construção de metodologias, de defesa de direitos, de desconstrução de definição de limites sociais, de mudança cultural, de formação da opinião pública e mobilização de toda a sociedade.

É preciso injetar a concepção histórica na leitura da sexualidade. Resgatar a gênese da sexualidade da forma como se vive e se concebem esses conceitos pela sociedade. Essa leitura histórica é a real possibilidade de compreensão de tabus e de possíveis alternativas para o tratamento do abuso sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Souza. Femicídio – Algemas (in) visíveis do público-privado.RJ, Revinter.
- AZEVEDO, Maria Amélia (1993). “Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes”, in Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo, Cortez.
- BAUDRILLARD, Jean (1991) Da Sedução. Campinas SP, Papirus Editora.
- BOOCK, Ana M. B.e Gonçalves,M.Graça M. e Furtado, Odair(orgs.), 2ª edição,Eitora Summus, São Paulo-SP
- CHRISTOFFELL, K. K.; SCHELDT, P.; AGRAN, P. H.; KRAUS, J. F.; McLOUGHLIN, E. & PAULSON, J. Standart definition for childhood injury research. Washington, NICHD, 1992.
- DI LEO, J. H. A interpretação do desenho infantil, Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1991.
- DOLTO, F. O brincar infantil. Ed. Papiens, S\_o Paulo, 1989.
- DORAIS, Michel (1997) Ça arrive aussi aux garçons. Montréal, Québec. VLB Éditeur.
- DUROZOI, Gérard e ROUSSEL, André (1996). Dicionário de Filosofia. Campinas, Papirus.
- FALEIROS, Vicente de Paula (coord.) (1997) Fundamentos e Políticas Contra a Exploração e Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes. Relatório de Estudo.Brasília. Ministério da Justiça/CECRIA.
- FERRERRI, Dalka C.A. e VECINA, Tereza C.C.2002; O fim do silêncio na violência familiar-teoria e prática, Editora Summus, São paulo-SP.
- FURNISS, Tilman. (1993) Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal integrados. Porto Alegre, Artes Médicas.
- GARFINKEL, B. D.; CARLSON, G. A.; WELLER, E. B. Transtornos psiquiátricos na infância e adolescência. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1992.
- GLASER, D. Treatment issues in child sexual abuse. British Jornal of Psychiatry, 159:769-782, 1991.

KAHHALE. A Subsídios para reflexão sobre a sexualidade humana na adolescência- cap.10,em Psicologia Sócio-Histórica. Editora Sumus, São Paulo, 2001.

MALCHIODI, C. Breaking the silence: art therapy with children from violent homes. Brunner/Mazel Publishers, New York, 1990.

MINUCHIN, S. Famílias. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1986.

NÖEL, Lise L'intolérance – une problématique générale. Québec, Les Éditions du Boréal. 1989

NURCOMBE, B. The child as witness: competence and credibility. Journal of the Academy of Child Psychiatry, 25:473-480, 1986.

PIAGET, Henry. Formação do símbolo na criança. Editora Martins, São Paulo

RAVAZZOLA, Maria Cristina. Historias infames: los maltratos en las relaciones Editora Paidós - Central del libro psicologico. Buenos Aires, 1997.

REY, González Fernando; Pesquisa Qualitativa – Caminhos e Desafios, Editora Pioneira *Thompson Learning*, 2000; São Paulo-SP.

REY,González Fernando; Personalidade, Saúde e Modo de Vida, Editora Pioneira *Thompson Learning*, 2004;São Paulo-SP.

REY, González Fernando; Sujeito e Subjetividade Editora Pioneira *Thompson Learning*, 2003; São Paulo -SP.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt (1996) A inserção do Conselho Tutelar na construção do problema social da infância e da adolescência. Tese de mestrado em sociologia, UFRS. Mimeo. Item 4.2 “Os casos de abuso sexual”.

SAFFIOTI, H.I.B. (1995) Círculo Fechado: Abuso Sexual Incestuoso, in Mulheres Vigeadas e Castigadas. São Paulo, CLADEM-Brasil, pp.271-353.

\_\_\_\_\_ (1997) No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil, in MADEIRA, Felícia Reicher (org). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro. Record/Rosa dos Tempos.

\_\_\_\_\_ (1997) “Agressões sexuais contra crianças e adolescentes no Brasil”, in Rompendo o silêncio. São Luiz, CEDCA.

SANTOS, Hélio de Oliveira (1991) Crianças violadas. Ministério da Ação Social.

TURATO, Egberto Ribeiro. Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa. Petrópolis, Editora Vozes ; 2003

VYGOTSKY, L.S . Formação social da mente (A) Editora Martins Fontes; 1984, São Paulo -SP.

## **ANEXOS**

ANEXO 1 : Estratégica Lúdica Colagem

PASSADO



PRESETE



futuro



Anexo 2: Livro Terapêutico



Meu corpo, meus  
sentimentos...

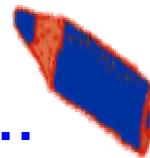


Meu corpo, meus  
sentimentos...



Alessandra Farias  
Izane Menezes

# Este é o meu livro...



Meu nome

---

---

Este é o desenho de  
minha família

Minha idade

---

---

Minha escola

---

---

Minha família

---

---

---

---

# Sou assim...

Eu sou uma  
pessoa

-----  
-----  
-----  
-----  
-----

Meus amigos  
acham que sou  
uma pessoa

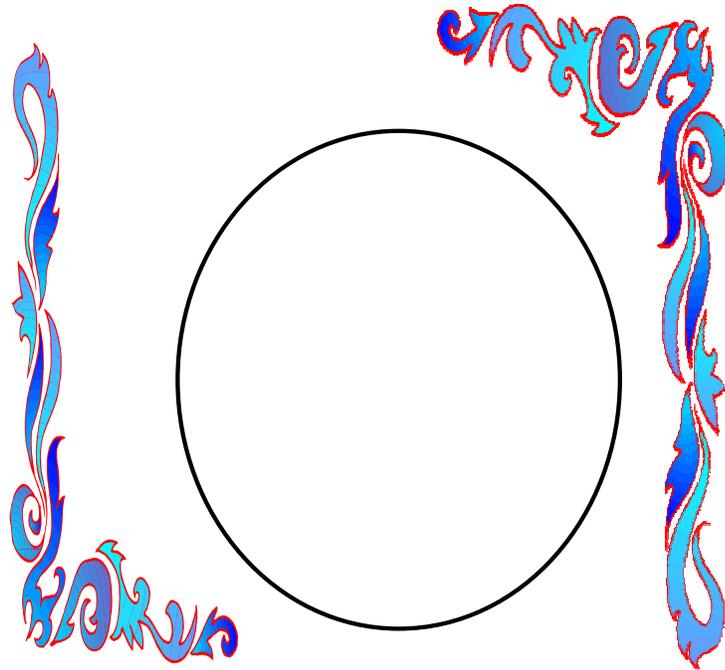
-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----

O que mais  
gosto de fazer  
é

-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----

# Como eu me vejo???

Este é o meu retrato



## Como eu sinto com o meu corpo???

Desenhe as partes de seu corpo, mostrando as partes do corpo humano.



Nomeie as partes do corpo que desenhou

# O que eu gosto em mim

Escreva o que gosta em você

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# O que eu não gosto em mim

Escreva o que não gosta em  
você

---

---

---

---

---

---

---

---

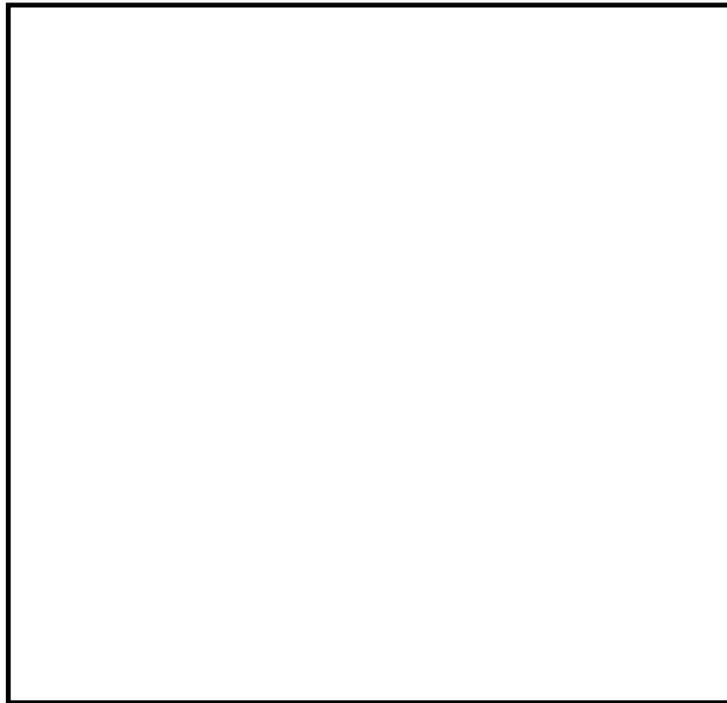
---

---



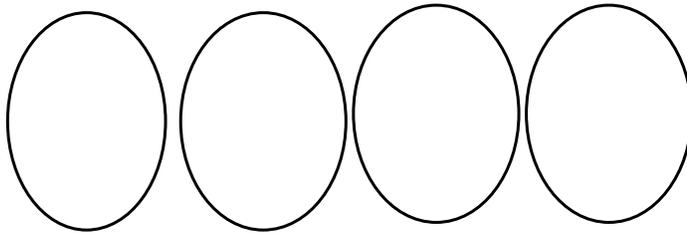


Eu gostaria de  
ser assim...



## Como me senti???

Desenhe rostos mostrando sentimentos de como você se sentiu fazendo essa atividade e escreva o nome dos sentimentos.



### **ANEXO 3: Questionário com Complemento de frases**

**EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO ELABORADO PELO PROF. FERNANDO REY**

**(COM MODIFICAÇÕES SEGUNDO OS OBJETIVOS DESTA PESQUISA)**

**1 – Quais são as 3 maiores alegrias e as 3 maiores tristezas da sua vida?**

Alegrias

Tristezas

São ter meus avós

Morar na rua

É ter meus irmãos

Ser uma pessoa feliz

É ter minha mãe

Perder a minha mãe e o meu pai

**2 – Quais são os 3 projetos de vida que você tem e qual o valor que cada um tem.**Ter uma mãe, uma irmã e um pai. Ter uma família. Fazer medicina para ajudar as pessoas que estão correndo risco. Ser pastor para pregar a palavra para os outros, dar testemunho de Deus para os outros.

**3 – Complemento de frases:**

**4 – As coisas que mais me agradam**

Ter minha mãe e um pai.

**5 – As coisas que não gosto**

Morar na rua. E de brigar com os caras que costumam brigar.

**6 – Pense na sua vida. Como ela será daqui a 10 anos.**

Minha vida pode ser ruim e pode ser boa.

**Ruim:** Não ter ninguém na minha vida. Posso perder meu avô, meu tio e meus irmãos.

Pode acontecer muita coisa ruim.

**Boa:** Ter uma família.

**7 – Meus maiores temores na vida são:**

Realmente perder meu avô que é o único que eu tenho. E perder meu pai.

**8 – Meus maiores desejos são:**

Minha mãe. Ter uma mulher para fazer companhia.

**9 – Se eu pudesse nascer de novo, que gênero (sexo) você escolheria? Por que?**

Homem. Porque o homem gosta mais de ter um filho homem. As camizinha para sexo. Fazer coisas erradas! Não gostar de “ser viado”.

**10 – Complete as frases:**

**1. Eu gosto** de sair andar ir au Parque ir ao shopping e ser uma pessoa estudiosa.

**2. O tempo mais feliz** ta na casa do meu pai. E os natal us carnaval e os dias das criança e o dia da Pátria.

**3. Gostaria de saber** u resultado do exame de DNA.

**4. Lamento** Ser eu sou um menino ruim e um menino charto Se um dia eu deixar de ser crente, se eu não honrar a palavra que eu to falando.

**5. Meu maior medo** Der corba Escorpião E largraticha.

**6. Na escola** Eu sou um menino legau Alegre e feliz Me esforço muito para passar do primeiro grau.

**7. As mulheres** dar muita alegria para os homen e muita felicidade.

**8. Não posso** fica com medo de nada E nem ficar triste perto de mulher. Desistir das mulheres que existem do mundo.

**9. Sofro** muito canto eu lembro da minha querida mãe E deixar de ir a escola.

**10. Fracassei** muito canto eu lembro da minha querida mãe E não obedecia.

**11. O sucesso** eu gosto de esta em igreja. Ta numa festa na igreja.

**12. A leitura** fui muito bem. Muita gente precisa tá na escola para aprender muitas coisas.

**13. Meu futuro** Vale a pena ter. É ser uma pessoa muito alegre e muito sorridente.

14. Se os homens não fizessem muitas coisas erradas seria um milagre e não fizesse muita coisa de errado ia ser uma alegria.
15. O casamento faz muito bem para a gente. É muito bom ter a mulher na cama e companhia.
16. O sexo faz muito bem para a mulher.
17. Meu corpo É muito legal para as mulheres porque elas gostam.
18. Minha preocupação principal Não ser muito bonito e não ter as mulher longe de casa como eu tinha.
19. Desejo É muito legal pensar em mulher e ter minha mulher e meu filho.
20. Secretamente eu não fico socegado. Guardo a lembrança da minha mãe. Queria ta com minha mãe uma hora dessas.
21. Eu não gosto de cuidar de mulher que não gosta de mim.
22. Meu maior problema se eu não for filho do meu pai.
23. Minha família É legal! Elas me ajuda.
24. Amo minha mãe, meu pai, todo mundo!
25. Minha principal ambição ser uma pessoa na vida: ser trabalhador, formar e entrar no quartel.
26. Em relação aos trabalhos domésticos, cabe a mim limpar o chão, lavar o fogão, a geladeira E lavo as minhas roupas.
27. Eu posso contar meu avô, meu tio. Da conselho bom.
28. Meu principal problema é perder meu avô.
29. Meus amigos acham que eu sou uma pessoa chata mas eu não ligo para isso.
30. Eu acredito que minhas melhores atitudes É ter meus filhos E minha mulher.
31. A felicidade é bom para quem precisa.
31. Ser pai É muito legal para nós.
33. Meus sentimentos é ter sido um filho rebelde muito teimoso E não ter ido a igreja.

34. **Diariamente me esforço** Para ir pra Primeiro grau.
35. **Sinto dificuldade** para falar com meus amigos.
36. **Ser homem** é ser honesto com a mulher, filhos e com amigos.
37. **Meus maiores desejos** ter minha mulher!
38. **A morte** é uma tristeza para a família.
39. **Eu gosto muito** de estudar por isso vale a pena estudar.
40. **Minhas aspirações são** curso de medico. Ter uma família e ter uma mãe.
41. **Meus estudos** to me esforçando pra ter.
42. **Luto** pra passar de ano. Batalhar pra quando eu cresce entrar no quartel.
43. **Com freqüência sinto** falta da minha mãe.
44. **O passado** É uma tristeza que nem da pra falar.
45. **Ser mãe** deve ser legal para quem sabe. Se esforça, cuida do filho bem, ser uma boa mãe.
46. **Minha vida futura** Ah! Não sei não.
47. **Farei o possível para conseguir** minha liberdade, sair para onde quiser, ir ao shopping.
48. **Com freqüência reflito** a noite e oro muito pra minha mãe.
49. **Esperam que eu** seja um bom menino.
50. **Dedico a maior parte do meu tempo** arrumar a casa.
51. **A sexualidade** é namoro.
52. **Esforço-me** para pegar uma mulher!
53. **Ter filhos** é muito bom. Mulher é que sabe.
54. **Ser pastor** é a coisa mais legal. É uma coisa que eu queria na minha vida.
55. **Meus irmãos** é gente boa pra eles!
56. **Penso que os outros** me despreza muito.

57. O lar doce mel! Que os cara gosta de falar com as mulheres.
58. Incomodam-me muito lá na escola que eu não cosigo escreve e muitas coisas: tristeza e a paixão por uma mulher.
59. Ao me deitar eu penso muito na minha mãe.
60. Os homens faz muitas coizas errada. Despreza muito as mulheres. Briga com as mulheres.
61. As pessoas a maioria são muito legal! Outras fica doidão, fuma maconha!E chega doidão e casa.
62. Uma mãe ajuda os filhos , não deixa passar necessidade e jamais deixa um filho só!
63. A religião muito desonesto, por que deixava ela só.Os cara pegava o dinheiro dela, bebia com ela!
64. Os filhos às vezes são legais , às vezes não!
65. Quando era criança eu mamava muito, né no peito da minha mãe.
66. Quando tenho dúvidas pergunto pra o meu tio Al. e pra professora.
67. Ser mulher Eu não sou o que dizem.
68. No futuro terei muitas coisas boas.
69. Minha maior decepção quando os caras batia na minha mãe.
70. Em relação ao que eu vivi é muito ruim!Muitos caras ameaçava me matar! Quebrou uma vez, o vidro na minha mão.
71. Meu maior prazer é ser uma pessoa na vida.
72. Minha vida é importante pra mim!Só a minha mãe!
73. Quando estou sozinho me sinto mal! Pode acontecer alguma coisa! Passar mal e aí não tem como levar pro hospital!
74. Meu maior medo de coma!
75. Estou em casa com meus irmãos.
76. Se o resultado do exame der certo eu vou ficar muito alegre.

**77. Deprimos-me** quando, quando lembro da minha mãe.

**78. A profissão** é ser um trabalhador.

**79. Meus amigos** acho que são legais .Só pra brincar!

**80. Meu grupo** minha turma da escola.

**81. Se eu pudesse** nascer do novo!....não , não, minha mãe não voltaria!

## **ANEXO 4 : Entrevista com os familiares e o sujeito pesquisado**

### **Entrevistas Individuais**

A seguir, as entrevistas com os responsáveis, com alguns membros da família realizada com o progenitor materno, a esposa do progenitor e irmão mais velho e por último com o adolescente.

#### **J. B. A.**

Em entrevista com o Sr. B., este relatou que as situações vividas pelo seu neto E.A., desde o falecimento de sua mãe, em maio de 2004, foram muito difíceis, pois desde então todos os netos foram morar com uma tia no Pedregal e lá ficaram por alguns meses. A readaptação das crianças e dos adolescentes foi bastante difícil nesse local, em função da recente perda da mãe e pelas poucas condições financeiras dos parentes.

Depois dessa ocasião, os irmãos foram morar no casa do progenitor, mas não permaneceram lá por muito tempo. Os irmãos tiveram de ser separados: E., A., Ed. e N. permaneceram com o avô; e E.L., de nove anos, filho de outro relacionamento, foi morar com o pai em Goiânia. Segundo o progenitor, E.A. mudou-se e, atualmente, mora com seus irmãos A. e Ed. em residência próxima a sua casa na Candangolândia.

O progenitor revelou que certa ocasião E.A. apareceu em casa dizendo que o pastor R. R. queria assumir os cuidados pessoais do adolescente. Oferecendo moradia, vestuário, estudo, lazer, brinquedos, comprometeu-se a assumir todos os gastos relativos ao referido adolescente. De acordo com o Sr. B., a proposta do pastor na ocasião foi um alívio, pois ele tinha de sustentar mais oito pessoas além de E.A.

Também afirmou que o pai de E.A., o Sr. Em. somente ajudaria nos cuidados com o filho, mediante a confirmação da paternidade. E que os dois netos mais velhos recebiam a pensão por morte do pai. Os outros dois netos mais novos, frutos de outro relacionamento de sua mãe, recebiam a ajuda do genitor que mora em Goiânia – GO.

Sr. B. disse que, na Semana Santa, E.A. apareceu em sua casa alegando que o pastor tinha adoecido e, por isso, ele permaneceria uns dias com eles. Depois dessa ocorrência, a noiva do pastor apareceu em sua residência com um advogado dizendo que o Sr. B. teria de ir até a delegacia com eles para comprovar que estava tudo bem com seu neto. Segundo a noiva do pastor, E.A. havia sumido de casa e ela precisava comprovar que isso não tinha acontecido. O Sr. B. sem saber de fato o que estava realmente acontecendo, foi até a delegacia com eles, e ao IML. Somente depois disso, tomou conhecimento de que seu neto havia sido abusado sexualmente pelo pastor R R.

O progenitor revelou que ficou muito constrangido e atordoado com o que ocorreu com E.A. e não imaginava que os cuidados do pastor iriam acarretar essa situação. Disse que em sua família isso nunca havia acontecido.

#### **Z. S. T. A.**

Em entrevista, a Sra. Z., esposa do progenitor, relatou que a família vive um drama familiar, desde o falecimento da mãe de E.A. , em maio de 2004. A readaptação das crianças e dos adolescentes foi bastante difícil principalmente, a de E.A. que se mostrou desobediente e agressivo. Relatou também que seu marido sofria de problemas de saúde e estava em idade avançada.

A Sra. Z. também revelou que o pastor R. R. foi a sua casa e disse ao seu marido que queria assumir os cuidados pessoais do adolescente, comprometendo-se a assumir todos os gastos relativos ao referido adolescente. De acordo com Sr. Z., a proposta do pastor amenizaria a difícil situação financeira familiar, porém não imaginava que um homem tão bem intencionado pudesse “fazer mal” a E.A. Ela também confirmou que o pai de E.A. somente assumiria a responsabilidade do filho posteriormente à confirmação do teste de DNA.

#### **A. A.**

O irmão de E. relatou que seu irmão foi o que mais sentiu a perda de sua mãe e que desde então ficava pelos cantos da casa, muito triste e choroso. O irmão afirmou que E.A. era muito apegado à mãe. Relatou ainda que sua mãe bebia frequentemente e não trabalhava, e que a causa do falecimento, por parada cardíaca, foi o álcool. Segundo A.A., irmão mais velho, a mãe era muito carinhosa com todos os filhos e não fazia distinção entre eles e não usava de força física para educá-los quando lhes desobedeciam.

A.A. disse que sabia que seu irmão tinha sofrido abuso sexual, pois seus avós tinham-lhe revelado, mas desconhecia as circunstâncias em que ocorreu violência, inclusive porque seu irmão E.A. não lhe falou nada sobre o ocorrido. Também relatou que se sentia impotente e indignado diante do que acontecera com seu irmão. Disse que sentia como devia ser difícil para seu irmão superar o que lhe havia acontecido, tudo isso aumentado pela perda de sua mãe. No entanto, relatou que depois dos atendimentos psicoterápicos no hospital, seu irmão estava interagindo mais com as pessoas em casa, brincando e conversando como costumava a fazer antes desses acontecimentos.

## **E. A.**

Quando sua mãe morreu, ele foi morar com uma tia no Pedregal, mas logo foi para a casa de seu avô, e anteriormente E.A. morou com seu pai em meados de agosto de 2002 até fevereiro de 2004.

O referido adolescente relatou que conheceu o pastor evangélico R.R. quando estava lavando carros perto da lanchonete Giraffa's, na Candagolândia – DF. Disse que o referido pastor o convidou para ir ao seu apartamento prometendo que iria presentear-lo com brinquedos. O convite foi aceito pelo adolescente. No apartamento, o Sr. R.R chamou E.A. para ir até seu quarto e disse-lhe que ele deveria fazer “umas coisas” para que ganhasse o brinquedo. Quando chegou ao quarto, o Sr. R.R falou que lhe daria estudo, roupas e brinquedos se concordasse com o que ele deveria fazer. O pastor lhe tirou a roupa e esfregou o seu pênis por trás e entre suas pernas até a ejaculação.

Depois disso, E. disse que foi até a casa de seu avô pedir a permissão para morar com o pastor R.R.. Logo depois, o pastor foi até seu avô para que ele o autorizasse a morar com o pastor R.R

Disse que o Sr. R.R o convidava para dormir em sua cama todos os dias à noite e que abusava sexualmente sem penetração total, ou esfregava-se nele até a ejaculação, e que também se masturbavam entre eles e que algumas vezes faziam sexo oral um no outro. Isso acontecia todos os dias pelo menos três vezes por dia: pela manhã, à tarde e à noite.

Relatou também que o pastor freqüentemente ia para a rodoviária de Brasília e enchia o carro de meninos de rua (de nove a dez meninos) e os levava para seu apartamento para realizar orgias sexuais com os meninos concomitantemente. O adolescente disse que ficava somente observando as práticas nessas ocasiões, e que muitos meninos participavam de orgias, porque já estavam acostumados com aquela situação nas ruas. E.A. revelou também que muitos desses eventos foram registrados pelo pastor R.R.. As crianças e os adolescentes eram filmados por ele durante as orgias sexuais.

O adolescente disse que não se sentia bem com essa situação, e que o pastor R.R lhe proibia de paquerar as meninas de sua escola e sempre o alertava em “tom de cobrança” para que ela não se relacionasse com as adolescentes. E.A. disse que não lhe obedecia nesse sentido, mas o pastor sempre estava fiscalizando suas ações.

E.A. verbalizou que várias vezes sentiu vontade de denunciá-lo, porém nunca o fez. Relatou que alguns meninos, como M., de sete anos de idade, e S., de dezesseis anos moravam com eles no apartamento.

O adolescente permaneceu na casa do pastor R.R. , de julho de 2004 até março de 2005. Nesse período, estudou por cerca de um mês apenas, em uma escola, situada no Riacho Fundo I – DF.

## ANEXO 5: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Brasília, 01 de setembro de 2005.

Prezado Senhor (a),

O presente estudo propõe-se a conhecer a subjetividade de crianças vítimas de violência sexual. Está sendo desenvolvido pela psicóloga em formação Alessandra Maria de Oliveira Farias, aluna de graduação do 10<sup>a</sup> semestre em Psicologia do UniCEUB, sob orientação de professor Dr. Fernando Rey.

Com este estudo, pretende-se obter informações sobre a subjetividade de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, assim como investigar as conseqüências do abuso sexual e as alternativas para resoluções de conflitos. Acredita-se que com este estudo se possa também otimizar a atuação e a intervenção dos profissionais de Saúde, observando o funcionamento da rede de apoio interinstitucional à criança violentada sexualmente.

As informações serão coletadas por meio de pesquisa documental, a partir de estratégias lúdicas e de entrevistas individuais com os membros familiares e a criança acompanhada, a serem realizadas nas dependências desse hospital.

Todas as informações coletadas são confidenciais e serão utilizadas apenas para fins de pesquisa científica. O sigilo da identidade das pessoas envolvidas é assegurado pela pesquisadora e pelo UniCEUB.

Dessa forma, participa da pesquisa um sujeito que estava sendo acompanhado, no Hospital Regional da Asa Sul, pela referida psicóloga em formação. Essa adesão é voluntária e, por isso, não haverá constrangimento para os que preferirem não participar.

Se Vossa Senhoria consentir neste estudo, é importante saber que pode recusar-se a responder a qualquer pergunta que lhe cause constrangimento. Assim sendo, solicitamos seu consentimento para a realização desse estudo, que tem duração estimada de cinquenta minutos. Caso concorde, favor assinar este Termo de Consentimento, em duas vias e guardar uma em seu poder.

Informações adicionais serão obtidas por meio dos telefones: 37275493

---

Alessandra Maria de Oliveira Farias  
Psicóloga em formação/Pesquisadora

Eu, \_\_\_\_\_  
Concordo com este estudo

---

Assinatura